

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

BRUNO MAZZUCO

**CRIANÇAS EM JOGO: ESTUDO DA
ATUAÇÃO DE ADULTOS NO CONTEXTO DA
PEDAGOGIA DO FUTSAL NA INFÂNCIA**

CAMPINAS

2005

BRUNO MAZZUCO



**CRIANÇAS EM JOGO: ESTUDO DA
ATUAÇÃO DE ADULTOS NO CONTEXTO DA
PEDAGOGIA DO FUTSAL NA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade
de Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção
do título de Bacharel em Educação
Física, sob orientação da prof^a Dra.
Heloisa Helena Baldy dos Reis.

Campinas

2005

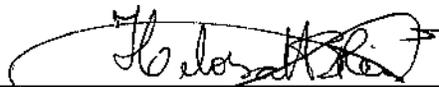
UNIDADE FEF/1107
 Nº CHAMADA:
 Tcc/Unicamp
 M459c
 V. _____ Ex. _____
 TOMBO BC, 2682
 PREC: _____
 PRECO D 11,00
 DATA 22/12/05
 Nº CPD 375184
 2006 00606

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
 BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

M459c Mazzuco, Bruno.
 Crianças em jogo: estudo da atuação de adultos no contexto da pedagogia do futsal na infância / Bruno Mazzuco. - Campinas, SP: [s.n], 2005.

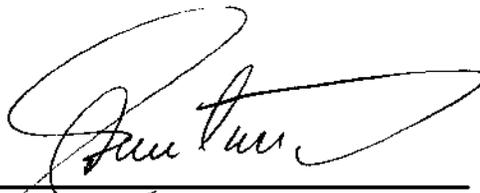
Orientador: Heloisa Helena Baldy dos Reis.
 Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Esportes para crianças. 2. Futebol de Salão. 3. Esporte. I. Reis, Heloisa Helena Baldy dos. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.



Prof. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis

Orientador



Prof. Dtdo. Wilton Carlos de Santana

Banca Examinadora

Campinas

2005

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha mãezona Marisa, pelo amor, dedicação, carinho, e por estar sempre tão por perto (mesmo quando está longe). Mamãe te amo muito e se eu conseguir ser um décimo para os meus filhos do que você é pra mim, eu serei o cara mais feliz do mundo todo. Você é a maior responsável por tudo em minha vida.

Aos meus irmãos tão queridos, Adri e Dani. Amo vocês sempre e em todo lugar. Dedico esses quatro anos de conquista, de alegrias, de choros, de risadas, de tropeços, a vocês amores de minha vida.

À minha queridíssima vovó Lena, por sempre estar me apoiando e cativando com seu sorriso no rosto e sua voz calma.

À todos os meus familiares, tios, primos e primas, por sempre estarem ao meu lado.

Aos meus amigos pra sempre, Peixotão, Roselão, Filipão, Samir, Lourenço, Baruzzero, Talissa, Illênia, Samantha, Tadeu, Wailton, Flores, Jonhhy, Zóio, Vinicius, Pagode, Carlinhos, por existirem em minha vida.

Aos meus parceiros de profissão, Charlão, Felipe, Tiaguinho e Paulinho, pelas experiências compartilhadas.

Aos meus amigos da turma 02 da faculdade, Pocotó, Betão, Gugu, Paula, Zeca, Pingüim, Aninha, Caipira, Gabriel, Marininha, Lucão, Baiano, Vaninha, Monique, Penetra, Tassiana, Samara, Cíntia, Duda, Flávia, Júlia, Stefânia, Taisinha, Pepê, Cebolão, Lis, Juliana, Gláucia, Léo, Heizen, Gisela, Noêmia, Maíra, Raquel, Sílvia, Paçoca, pelos quatro anos mais maravilhosos que já existiram.

Aos meus maiores ídolos, Danilão, Cq, Cazé, Breno, Branquelo e Alessandra, quando eu crescer quero ser igual a vocês.

Aos meus veteranos, Michel, Chamber, Diego, Merenda, Dú Ribeirão, Tulu, Bh, Lú, Dafne, Marinho, Cp, Lucas, Renatinho, Carioca, Miltão, Mineiro, por me mostrarem um lado bom da vida.

À Catarina, por ser uma pessoa muito especial.

À Helô, pela oportunidade, amizade, instruções, críticas, e paciência em estar me orientando, valeu professora.

Ao professor Wilton, pela aceitação em fazer parte deste trabalho através da banca examinadora e por contribuir imensamente em minha formação.

Aos irmãos da Casa da Praia, Wilinha, Cidão, Mamá e Tiaguinho, pelas risadas, bons momentos (talvez os melhores) e pela convivência do dia-a-dia.

Aos professores Jocimar, Hermes, Robertão e Cesinha, pelo conhecimento.

Aos funcionários da Fef-Unicamp, Beeroth, Helinho, Tia Noriko, Seu Orlando, Gera, Paulinho, Tião, Marli, Dulce, Edison, Carmen, por tudo.

À FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, por financiar este trabalho.

MAZZUCO, B. **Crianças em jogo: estudo da atuação de adultos no contexto da pedagogia do futsal na infância.** 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2005.

RESUMO

O futsal se caracteriza como um dos esportes mais praticados nos dias de hoje em âmbito nacional. Por isso, podemos ver um grande número de clubes que desenvolvem atividades ligadas à iniciação esportiva nessa modalidade, sendo que, boa parte desses clubes participa de campeonatos organizados e regulamentados por ligas e federações. Por sua vez, nesses campeonatos, o tipo de sistema competitivo adotado dá preferência aos resultados imediatos e aparentes, assim como aos talentos precoces, aos artilheiros e aos campeões. Isso reforça a idéia imediatista de parte dos pais, técnicos/professores, e dirigentes esportivos que estão envolvidos com a iniciação ao futsal na infância, bem como as ambições que eles transferem e depositam nas crianças. Consideramos que esses comportamentos são prejudiciais ao desenvolvimento das mesmas, pois estudos atuais da Pedagogia do Esporte vão na direção contrária ao acima exposto. O trabalho foi efetuado por meio de método qualitativo de pesquisa, combinando revisão de literatura e pesquisa de campo. Os objetivos desse trabalho são: 1) verificar, através de entrevistas semi-estruturadas, quais são as pretensões de técnicos/professores que desenvolvem a docência do futsal com crianças, bem como, suas respectivas percepções sobre o comportamento de pais e dirigentes esportivos no contexto da iniciação ao futsal nos clubes; 2) analisar/comparar os dados obtidos através de entrevistas semi-estruturadas com a literatura de pedagogia do futsal e/ou esporte. Pode se observar que os depoimentos dos técnicos/professores estavam, em alguns casos, convergentes com os pensamentos dos autores estudados e analisados da Pedagogia do Esporte. Porém, pôde ser identificada certa contradição nos relatos que, na maioria das vezes, convergia com os pensamentos e ideais do esporte de alto rendimento e/ou profissional.

Palavras-chave: Iniciação esportiva – Futsal – Pedagogia do Esporte.

MAZZUCO, B. **Children in game: study of the performance of adults in the context of the pedagogy of the futsal in infancy.** 2005. Work of Conclusion of Course (Graduation) College of Physical Education - State University of Campinas, Campinas: 2005.

ABSTRACT

The futsal is characterized as one of the practiced sports more nowadays in national scope. Therefore, we can see a great number of clubs that develop on activities to the sportive initiation in this modality, being that, good part of these clubs participates of championships organized and regulated for leagues and federations. In turn, these championships, in the molds where they are disputed, they give preference to the immediate and apparent results, as well as the precocious talents, to the artillerymen and the champions. This strengthens the sportive idea of parents, coaches and controllers that are involved with the initiation to the futsal in infancy, as well as the ambitions that they transfer and deposit in the children. We consider that these behaviors are harmful to the integral development of the same ones, therefore current studies of the Pedagogy of the Sport go in the contrary direction to above displayed. The work was affected by means of qualitative method of research, having combined revision of literature and research of field. The objectives of this work are: 1) to verify, through half-structuralized interviews, which are the pretensions of coaches that develop the teach of the futsal with children, as well as, its respective perceptions on the behavior of parents and sportive controllers in the context of the initiation to the futsal in the clubs; 2) to analysis the data gotten through interviews half-structuralized with the literature of pedagogy of the futsal and/or sport. It can be observed that the depositions of the coaches were, in some cases, convergent with the thoughts of the authors studied and analyzed of the Pedagogy of the Sport. However, certain contradiction in the stories could be identified that, in the majority of the times, converged with the thoughts and ideals of the sport of high income and/or professional.

Word-key: Sportive initiation - Futsal - Pedagogy of the Sport.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I – BUSCANDO COMPREENDER O QUE PRECONIZA A LITERATURA SOBRE O ESPORTE NA INFÂNCIA	05
CAPÍTULO II – BUSCANDO COMPREENDER AS PRETENÇÕES DOS TÉCNICOS/PROFESSORES	15
2.1 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	15
2.2 – OBJETIVOS DO ESPORTE NA INFÂNCIA.....	15
2.3 – OBJETIVOS EM RELAÇÃO À PRÁTICA E EM RELAÇÃO ÀS CRIANÇAS.....	17
2.4 – À RESPEITO DA COMPETIÇÃO ATÉ OS 11 ANOS.....	19
2.5 – RELAÇÃO COM OS DIRIGENTES DO CLUBE.....	23
2.6 – RELAÇÃO COM OS PAIS DAS CRIANÇAS.....	24
2.7 – COMPETIÇÃO FEDERADA E INICIAÇÃO AO FUTSAL.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ANEXOS	34

INTRODUÇÃO

O tema central do presente trabalho é o esporte na infância, mais precisamente a fase denominada de iniciação esportiva. E será baseado numa busca de identificação dos parâmetros que estão sendo utilizados por técnicos/professores com crianças nos clubes, mais especificamente com a modalidade do futsal. Sendo o esporte que mais me apaixona e também um dos esportes mais praticados no território nacional (COSTA, 2004).

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa do tipo qualitativa, composta de pesquisas bibliográfica e de campo. Sendo a primeira, realizada através de revisão da literatura que aborda os temas da pedagogia do futsal/esporte na infância bem como seus sub-temas, como a especialização e a competição precoce; e a última, realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas destinadas aos técnicos/professores de cinco (5) equipes que disputam regularmente os campeonatos realizados pela Federação Paulista de Futebol de Salão.

A opção por entrevistas se deu devido ao fato de esse tipo de instrumento proporcionar ao entrevistado e ao entrevistador a coleta da informação necessária (MARCONI & LAKATOS, 1991). Além de, segundo Best (apud MARCONI & LAKATOS, 1991, p.196), a entrevista “se apresentar como um instrumento superior a outros para a obtenção de dados”, apresentando várias vantagens em sua aplicabilidade.

A escolha das equipes se deu pelo critério de acessibilidade e as equipes selecionadas para a pesquisa estão dentre as que apresentam uma estrutura de categorias menores de futsal. As categorias menores para o futsal englobam crianças e jovens que se encontram entre os seis (6) anos até os dezessete (17) anos de idade, divididas em sete (7) categorias: chupetinha (6 anos), mamadeira (7 anos), sub-9 (8 e 9 anos), sub-11 (10 e 11 anos), sub-13 (12 e 13 anos), sub-15 (14 e 15 anos) e sub-17 (16 e 17 anos).

As categorias escolhidas para a pesquisa foram: a sub-9 (crianças de 8 a 9 anos) e a sub-11 (crianças de 10 a 11 anos). Sendo que, tal escolha se concretizou, devido ao fato de que as crianças não devem se especializar em uma modalidade esportiva até essa faixa etária, ou seja, até os 11 anos, sendo

proposta a especialização numa mesma modalidade esportiva a partir dos 12 anos de idade (PAES, 1992). Dessa maneira, foram realizadas sete (7) entrevistas de acordo com os termos de consentimento esclarecidos, desenvolvendo-se com os técnicos/professores das categorias sub-9 e sub-11 de cada clube.

Em dois (2) clubes envolvidos na pesquisa, ou seja, no clube B e no G, o técnico/professor da categoria sub-9 era o mesmo da categoria sub-11. Um clube escolhido para a pesquisa, ou seja, o clube A, apresentou somente a categoria sub-11 nas competições da Federação Paulista de Futebol de Salão. As entrevistas foram aplicadas nos momentos pré-treinos das equipes, no período destinado para a coleta de dados nos clubes, com data combinada com o técnico/professor de cada equipe.

O clube A apresenta apenas a categoria sub-11 nas disputas dos campeonatos da Federação Paulista de Futebol de Salão no ano de 2005. Portanto, será feita a entrevista neste clube, buscando apenas os dados dessa faixa etária.

Foi realizado um projeto piloto no clube X, situado na cidade de Campinas, e que não participa de campeonatos regulamentados pela Federação Paulista de Futebol de Salão. Tal projeto foi realizado com a finalidade de testar o roteiro da entrevista semi-estruturada. Também foi escolhido este clube pelo critério de acessibilidade, sendo que, a entrevista foi realizada em data combinada com o técnico/professor da categoria sub-9 (crianças de 8 a 9 anos de idade).

No caso dos clubes, onde se ensinam futsal, ocorre um certo tipo de sistema. Sendo esse sistema composto por pais, o técnico/professor, os dirigentes do clube, as organizações competitivas e, logicamente, as crianças. Esse sistema se inter-relaciona continuamente através de seus componentes e atua diretamente sobre as crianças que freqüentam as aulas/treinos de futsal. As crianças, por sua vez, são as mais afetadas pela qualidade do trabalho realizado pelos técnicos/professores, dirigentes esportivos e pais.

Dependendo do que se fizer nesse tipo de prática sistematizada, pode-se, de um lado, proporcionar uma apropriação de um esporte que é um

patrimônio cultural, um meio para fortalecer a auto-estima, além de introduzir uma cultura de lazer esportivo e desenvolver inúmeras capacidades, como, de outro, instalar algo negativo como a especialização esportiva precoce, através de uma pedagogia esportiva reducionista circundada por eventos esportivos hostis e agressivos (SANTANA & REIS, 2003).

O presente trabalho consiste numa busca de identificação das pretensões de técnicos/professores, numa perspectiva crítica dos falsos valores que uma especialização precoce e um trabalho imediatista pode oferecer.

Além de tentar debater, questionar, criticar todo o sistema que permeia equipes de futsal masculina infantil que disputam regularmente os campeonatos realizados pela Federação Paulista de Futebol de Salão¹, nas categorias menores escolhidas (sub-9 e sub-11), porque se supõe que especializa crianças nas habilidades específicas do futsal precocemente. Nestes casos, em geral, o modelo de aula-treinamento-jogo é baseado no modelo do futsal profissional.

A ênfase atribuída a esses tipos de campeonatos, apresenta uma visão contrária à perspectiva de desenvolvimento integral da criança. Dessa maneira, sobre a especialização precoce, que é um dos resultados desse molde de competição precoce, concordamos com Paes (1992), que por dar importância ao resultado imediato, a derrota pode gerar desmotivação e saturação esportiva, assim como as conquistas precoces de títulos e prêmios podem fazer a criança estabelecer limites e, assim, considerar ter atingido sua plenitude ainda com 19/20 anos, precipitando um encerramento precoce da carreira esportiva, por entender ter conquistado todos os títulos possíveis.

A esse respeito, Scaglia (1999, p.63) cita que "... a competição será aquilo que se quiser fazer dela". Ela também apresenta virtudes que não devem ser esquecidas. E não só a competição, mas como o esporte em si (SANTANA, 2003).

¹ A nomenclatura conferida a "Federação Paulista de Futebol de Salão", bem como a todas as federações nacionais, e inclusive a Confederação Brasileira, pode ser por razões sociais, já que a modalidade praticada e regulamentada pela mesma é o futsal, e não mais o futebol de salão.

Isso dependerá da ênfase que será dada pelo sistema que permeia a prática e, principalmente, pelo técnico/professor que estará trabalhando com as crianças. “Podemos utilizar a competição como desculpa de uma especialização precoce, ou até, como uma possibilidade de levar o aluno a superar-se” (SCAGLIA, 1999, p. 63).

Outro fator que me motivou, e muito, a desenvolver este trabalho foi o de ser um inconformado ex-atleta de futsal, vítima de uma especialização precoce e de um trabalho mal direcionado que privilegiou os resultados aparentes e momentâneos.

Por fim, esse trabalho busca mostrar os meios e ênfases que levam a uma especialização precoce. O porquê de isto ocorrer, suas conseqüências e como podemos, e devemos evitá-la. Pois acreditamos que a fase de iniciação esportiva seja um momento em que técnicos/professores propiciem um ambiente de aula-treinamento-jogo que vise o desenvolvimento integral das crianças, e não a reprodução dos moldes de treinamento e competições profissionais.

Este trabalho é composto por 2 capítulos, sendo eles intitulados: I – Buscando compreender o que preconiza a literatura sobre o esporte na infância; e II – Buscando compreender as pretensões dos técnicos/professores; e, sucedidos pelas considerações finais.

CAPÍTULO I – BUSCANDO COMPREENDER O QUE PRECONIZA A LITERATURA SOBRE O ESPORTE NA INFÂNCIA

Este capítulo apresenta como eixo central uma revisão de literatura sobre o esporte na infância. Buscaram-se conteúdos que abordam as relações dos técnicos/professores com as crianças envolvidas nas práticas de esporte, assim como as relações dos técnicos/professores com os dirigentes esportivos e com os pais das crianças.

É um estudo significativo porque no Brasil é cada vez maior a procura de crianças por escolas de futebol e de futsal, para realizarem as chamadas “peneiras”. Fato este, podendo ser explicado, talvez, pelo grande tempo destinado ao futebol pelas emissoras de televisão.

No caso do futsal, talvez o número de crianças que procuram esse tipo de prática esportiva é ainda maior devido à facilidade de se encontrar quadras espalhadas pelo país em comparação aos campos de futebol.

Um fator de extrema importância que deve ser considerado na iniciação esportiva na infância é a família, sendo um dos principais responsáveis pela iniciação esportiva da criança (PARKER, 1978). A família tem como responsabilidade a facilitação ou não para a permanência da criança na prática esportiva (KURODA & MARQUES, 2000).

A participação dos pais no processo de iniciação esportiva dos filhos é inevitável (NASCIMENTO, 2000), e ao mesmo tempo desejável por parte das crianças, uma vez que elas desejam ver seus pais torcendo e incentivando-as, vendo-as participar, partilhando de suas satisfações e experiências (COELHO, 1988).

Paes (1992) acrescenta que se pode perceber algumas situações que ocorrem no momento da “escolha” de uma modalidade esportiva para praticar, sendo a participação da família um fator importante nesse processo. Pois a influência de pai, mãe, irmão etc, poderá ser decisiva na opção da criança na escolha pela modalidade.

Também, segundo Paes (1992), esta influência poderá ser mais acentuada, a partir do momento em que algum membro da família foi praticante, ou ainda pratica alguma modalidade esportiva.

No mesmo sentido, Parker (1978) considera que embora haja outras influências que competem entre si na formação do comportamento do indivíduo frente às atividades cotidianas, entre elas às de lazer e esporte, atualmente, a família ainda se apresenta como uma fonte primária de desenvolvimento dessas atitudes de seus membros mais jovens.

Paes (1992, p. 33) diz que

[...] a participação dos pais é muito importante em todo o processo, pois poderão atuar como agente motivador, incentivando e valorizando a prática esportiva para seus filhos, mas também poderão atuar como agente "desmotivador" e influenciar negativamente este processo, não valorizando adequadamente a atividade e, conseqüentemente, não incentivando seus filhos para a prática.

Coelho (1988) classifica três tipos de pais e seus respectivos comportamentos: os que se alheiam e ignoram a prática esportiva dos seus filhos, pois acham que tal prática é supérflua e menos importante que outras; os pais que demonstram um interesse exagerado e obsessivo pela prática do filho; e os que, em sua evidente minoria, acompanham a prática esportiva de seus filhos com discrição, bom senso, serenidade e realismo.

Cada um desses comportamentos acarreta diferentes conseqüências na formação esportiva da criança. Sendo assim, em alguns casos, a criança pode não ter uma base para lidar com certas situações e não encontrar referencial nos pais (PORTELLA, 2003). Podemos ver desde crianças autônomas, que entram em quadra seguras, com prazer, se divertindo, até crianças inseguras que a cada ação em quadra olham para o pai e/ou mãe (que estão nas arquibancadas), para ver a reação dos mesmos.

Os pais podem exercer um papel de grande expectativa pela "performance" do filho, assim, a criança se vê na obrigação e responsabilidade de realizar um esforço para satisfazer o desejo dos outros e não mais os seus. Isso pode levar a criança ao abandono da prática esportiva, com a vontade de

ter uma vida com menos compromissos e mais liberdade para realizar suas vontades (KURODA & MARQUES, 2000).

Da mesma forma, o técnico/professor (que irá desenvolver o trabalho com as crianças) não se encontra à parte, sentado em sua nuvem. Ele revive os sentimentos e as aspirações dos alunos como se fossem os dele (SCAGLIA, 1999).

O técnico/professor deve intervir sobre a prática de seus alunos, devendo, portanto, subordinar resultados imediatos relacionados à performance e ao rendimento, à função pedagógica da prática esportiva.

A criança quando chega para a aula de futsal, ou para o treino como ocorre em clubes (que será o lugar mais enfatizado no presente trabalho), trás consigo toda uma bagagem de cultura infantil que necessita ser explorada, estimulada e principalmente respeitada. Junto, vem também, todo seu repertório motor. Sendo nas aulas (ou treinos), o ambiente onde elas vão ter que receber estímulos adequados para se desenvolver física, psíquica, social, emocional e espiritualmente.

Dessa maneira, todo o ambiente onde ocorrerá o trabalho com as crianças, deve ser apropriado para tal. Ambiente este, que engloba todos os aspectos sociais, afetivos, espaciais, temporais e que sejam orientados por um professor que tenha plenas condições de lidar com esses aspectos necessários ao desenvolvimento da criança.

Para se trabalhar com crianças devemos estar cientes da importância que as experiências e as vivências têm sobre o desenvolvimento das mesmas. Nesse sentido, Hottinger (apud TANI, et al., 1988, p. 64) coloca que "... há um consenso de que na determinação de mudança, devem ser levadas em consideração a maturação biológica, as características individuais e as experiências".

Ao se tratar de crianças, estamos falando de iniciantes no processo de aprendizagem motora e também no processo de construção da personalidade e do caráter, o que já se deduz que devemos ter todo o cuidado para não furtar as experiências, em todos os aspectos (motores, afetivos, emocionais, sociais

etc), das crianças com quem está sendo desenvolvido o trabalho, e respeitar acima de tudo a sua bagagem de cultura infantil.

Na fase de iniciação esportiva não se deve dar ênfase para o rendimento esportivo, tendo como foco a especialização ou o aprimoramento técnico precoce (MUTTI, 1999). A criança ainda não está preparada tanto psicologicamente, como fisicamente para se especializar e render, mostrando resultados imediatos.

O fato de a criança não possuir certas habilidades específicas relativas ao esporte num determinado momento, não significa que não as terá num próximo, e que não seja apta à sua prática. Da mesma forma, uma criança que apresenta alto grau de plasticidade do seu movimento, não significa que será um atleta de alto nível (OLIVEIRA apud MUTTI, 1999).

Segundo Tani et al (1988, p. 90), "... o envolvimento da criança com o esporte deve ser pensado e analisado, levando-se em consideração três aspectos: o organismo, a tarefa e o ambiente social". Esses três aspectos afetam diretamente a criança tanto positiva como negativamente, dependendo de como for desenvolvido o trabalho.

Assim, praticar o esporte de forma adequada implica que os conhecimentos acerca das características da criança (necessidades, potencialidades, limitações, expectativas, interesses), da tarefa (concepção de esporte) e do ambiente social (rede social que afeta diretamente a participação da criança no esporte) sejam devidamente considerados e respeitados (TANI et al, 1988).

Caso contrário, estaremos repetindo os mesmos moldes que são utilizados por técnicos para o treinamento de adultos, caracterizados por aprimoramento das habilidades, cobranças exacerbadas dos praticantes, e copiando as mesmas lógicas das competições de pessoas adultas.

Bento (1989) cita que o esporte conduz (ou deveria conduzir) a uma forma saudável de vida; que oferece (ou deveria oferecer) possibilidades de realização no tempo livre; que cria (ou deveria criar) uma variedade de contatos sociais; e que é (ou deveria ser) um fator importante no desenvolvimento da personalidade.

Todo o ambiente de prática esportiva (e não só este tipo de ambiente) onde há o trabalho com crianças, deve ser apropriado para o desenvolvimento das mesmas. Tendo como foco uma dimensão educacional que possa introduzir uma cultura de lazer esportivo, a construção da cidadania, a valorização da auto-estima, entre outras.

O técnico/professor deve ter consciência que não deve modelar o aluno, mas sim, oferecer uma grande possibilidade de vivências das mais diversas experiências, contribuindo assim para um desenvolvimento com grande variedade de conhecimento, e que não só apontariam para o esporte, mas também à sua vida (INCARBONE, 1990).

Mutti (1994, p. 8) coloca que

[...] no desenvolvimento da aprendizagem o aluno deve sentir que se formou e não que foi feito, ele deve ser conduzido de modo a aumentar seu nível de aspirações, através do conceito real de suas possibilidades e limitações.

Balbino (2001) acrescenta que o processo inicial de formação esportiva com crianças, em muito difere do processo de demonstração da performance exibida pelos adultos, tanto na preparação para esses momentos como em competições. Reforçando essa idéia, Bento (1989) coloca que em muito se difere, tanto em comportamento quanto em capacidade de aprendizagem, o esporte de crianças, do esporte dos adultos. Requerendo, por isso, diferentes acentuações de objetivos, conteúdos, exercitações, treino e competição (ARENA & BÖHME, 2000; BENTO, 1989).

A competição esportiva não é em si boa ou má. O que difere são os valores atribuídos para a competição. Vai depender da ênfase que se atribuir à ela (FERRAZ, 2002; SCAGLIA, 1999). Tanto a competição de crianças, como a competição de adultos pode ter efeitos negativos, dependendo dessa mesma ênfase.

Seguindo esse pensamento, Santana (2004) diz, a respeito dos moldes que permeiam as práticas do futsal na infância, principalmente em clubes que participam de eventos e competições organizadas por federações, que os responsáveis pela prática de futsal por crianças exigem certo grau de

performance para atingir resultados, como a conquista de títulos, atletas em destaque em detrimento de outros, entre outras pseudomagnitudes.

Todo o ambiente que permeia a prática do futsal, (ambiente este, que seriam os pais, dirigentes esportivos, técnicos/professores, ambiente/espaço de treinos e jogos, etc) cobra o rendimento das crianças que estão envolvidas, e que ficarão marginalizadas se não apresentarem vitórias, jogadas com alto grau de plasticidade, golaços, etc... Sendo assim, a participação da criança no esporte se torna um produto que fica submetido ao juízo de valor dos adultos.

Santana (2004, p. 08), considera que:

[...] nesses moldes de pedagogia do esporte, os resultados serão: seleção esportiva, especialização precoce, coação de parte dos pais sobre seus filhos e de parte dos adultos sobre as crianças, incompetência por parte dos dirigentes esportivos, reprodução explícita de parte dos professores do comportamento de técnicos do esporte profissional, modelos de competições eliminatórios impostos às crianças, inconcebíveis brigas entre pais e professores, professores e árbitros, provocações entre pais torcedores, saturação esportiva, estresse de competição, entre outras inutilidades.

Para muitos, a simples menção do termo competição leva, imediatamente, a imaginar uma situação prejudicial e que tem como objetivo principal o destaque de poucos em detrimento de uma maioria. Segundo De Rose Jr. (2002, p. 67), "... a idéia não deixa de ter certa coerência, principalmente quando a competição é encarada somente como o ponto final de um processo que não permite ajustes e reestruturações em sua trajetória".

Podemos reforçar alguns fatores que ajudam na compreensão da especialização precoce, que foi um dos itens enumerados anteriormente, e que são também, definitivamente, prejudiciais ao desenvolvimento da criança, como: a mentalidade competitiva dos adultos (como citado anteriormente), a influência dos pais (muitos querem se realizar às custas do filho, pressionando-o desnecessariamente), cobrança de resultados (como os moldes de competições para crianças são os mesmos moldes dos adultos, o pensamento predominante é o do rendimento, do resultado), influência de dirigentes esportivos (que querem o resultado para se promover, e promoverem também, o nome do clube), a falta de competência por parte do professor (ele tem que

apresentar uma ampla gama de conhecimentos a fim de evitar a especialização precoce) e por último, os moldes das competições das crianças (que são os mesmos dos adultos).

A atribuição causal aos resultados de competições na infância, se feita de maneira incorreta, pode gerar nos praticantes noções de incompetência e de impotência, desencorajando a criança para a prática (DE ROSE JR, 2002). E segundo Ferraz (2002, p. 33) "... leva à queda da motivação e ao conseqüente abandono² da prática esportiva".

Santana (2004a) fala de uma sustentação daquilo que chama de "mito do vencedor", ou seja, a imposição à criança de que ela tem que ser um vencedor, um destaque. Essa idéia ajuda a concretizar a especialização esportiva precoce, pois os que crêem nesse mito, acreditam que se a criança não se especializar, ela pode não atingir os objetivos desse mesmo mito. Que, na maior parte dos casos é objetivado, de maneira extremamente exagerada, pelos técnicos/professores, pais e dirigentes esportivos.

O ambiente do esporte na infância, muitas vezes, se apresenta como agente de socialização de normas e interesses dos adultos, e, segundo Tsukamoto & Nunomura (2005), certos aspectos podem ser mais ou menos enfatizados, dependendo da postura de quem orienta e acompanha a prática esportiva de crianças. Basta observar como os pais ou os técnicos de categorias menores se comportam em situações de jogo e na orientação dos filhos e alunos (SIMÕES, 2002).

Paralelo a isso, Santana (2004a) também observou algumas situações que são comumente encontradas no ambiente de iniciação esportiva (inclusive no caso do futsal), ou seja, a maioria dos pais coloca os filhos no esporte fomentando o sonho de que sejam os atletas que eles nunca foram, achando que o filho tem um dom; alguns dirigentes esportivos encaram o esporte de criança como um "trabalho", ou seja, um investimento para o futuro, cobrando apenas resultados e vitórias dos professores que estão envolvidos; por sua vez, os técnicos/professores preocupados apenas com resultados, exacerbam-

² Em pesquisa realizada por HALLAL et al (2004) pode-se observar que dentre sete (7) fatores intervenientes mais citados e relacionados ao abandono da prática do futsal por parte de adolescentes, quatro (4) estão ligados direta ou indiretamente aos técnicos/professores.

se gritando, xingando, exercendo pressão e coerção, conduzindo as crianças de modo que se atenda apenas os interesses dos dirigentes e os seus próprios.

Nista-Piccolo (1999), trata desse tema, referindo-se ao comportamento de adultos envolvidos na prática esportiva de crianças, quando ela discorre que na verdade usa-se o esporte na infância demagogicamente, para atender as ambições de técnicos, bem como a ansiedade de pais. Submetendo as crianças a terríveis pressões, fazendo com que poucas se tornem atletas, ao mesmo tempo, que muitas percam a infância.

De acordo com Ferraz (2002, p. 26),

[...] há de se olhar para a prática esportiva sem pré-julgamentos, considerando a competição sob o ponto de vista da criança imersa nessa experiência e não sob a perspectiva do adulto.

As crianças aprendem comportamentos e estruturam a sua personalidade, além da maior parte de suas atitudes, através da observação de outras crianças e, principalmente, dos adultos (COELHO, 1988). Com isso, como podemos pensar numa formação humana da criança por meio do esporte, se num ambiente de prática sistemática do futsal, adultos apresentam atitudes e comportamentos que caminham na direção oposta a essa idéia de educação pelo esporte?

Dessa maneira, é importante que os adultos (pais, técnicos/professores, dirigentes esportivos) compreendam com clareza que o caráter educativo deve permear a fase de iniciação esportiva na infância.

Segundo Simões (2002, p. 52), "... as formas de participação adulta desempenham um papel importante na estrutura social do esporte, ajudando crianças/adolescentes a desenvolverem suas potencialidade esportivas".

Acrescenta Coelho (1988) que a prática esportiva na infância mal orientada, e imediatista, pode acabar com o entusiasmo de uma criança, abafando sua criatividade e imaginação, além de destruir a sua auto-estima, fazendo com que essas mesmas crianças percam o gosto pelo esporte. Sendo

assim, esse tipo de orientação esquece que os resultados em longo prazo são alcançados com a imediata satisfação, alegria e prazer de participar³.

Sendo assim, um ponto chave para ser discutido e debatido quando falamos em esporte na infância é a participação. Todas as crianças envolvidas no ambiente de práticas esportivas, sejam elas competitivas ou não, devem ter a oportunidade de participar. Fato que não pode ser observado no ambiente competitivo do futsal na infância nos campeonatos organizados pela Federação Paulista de Futebol de Salão, talvez porque o molde de competição não permita isso.

A maior incidência de casos de prática esportiva na infância que apresentam um certo grau de exigência e performance atlética para a obtenção de resultados pode ser observado nos clubes, ambiente alvo da pesquisa em questão.

Outro fator que influi direta ou indiretamente nas relações da criança com o esporte que pratica é a mídia. Segundo Paes (2002) esse tipo de prática, e não somente esse, sofre grande influência da mídia, ao mesmo tempo em que não recebe o tratamento adequado que vise uma construção mais crítica de reflexão. Um exemplo citado por Reis (1998), é a excessiva veiculação de jogos de futebol pelas emissoras de televisão, sendo acompanhada por um baixo nível técnico das transmissões.

Paralelo a isso, citamos Betti (1993, p. 49) que apresenta a seguinte indagação:

[...] Considerando que as crianças tomam contato precocemente com o esporte de rendimento, por meio de sua espetacularização divulgada pelos meios de comunicação, que tipo de prática estaria sendo formada pelos sistemas que envolvem as crianças, e também, como estariam sendo usufruídas essas atividades pelas mesmas?

De Rose Jr. (2002) coloca que o fato de se ter crianças cada vez mais jovens iniciando sua prática sistemática cada vez mais cedo ocorre com grande influência da divulgação dos eventos esportivos pela mídia. A identificação com

³ SANTANA, W.C.; REIS, H.H.B.; RIBEIRO, D.A. (2005), em pesquisa realizada com atletas de alto nível de rendimento de futsal com passagem pela seleção brasileira da modalidade, concluíram que os atletas pesquisados tiveram a iniciação esportiva na modalidade e começaram a competir federadamente em idades recomendadas pela literatura especializada.

ídolos, a pressão dos pais e dos amigos e a esperança de se obter sucesso e status são fatores que fortalecem essa iniciação esportiva cada vez mais cedo.

Dessa maneira, o que é valorizado e objetivado em ambientes de competição na infância, são os resultados imediatos, troféus, artilheiros e crianças se destacando em detrimento de outras. Ou seja, todos os aspectos que estão intimamente relacionados ou com o esporte de alto rendimento, ou o profissional.

Reforçando essa idéia, Simões et al (1999, p. 35) colocam que "... o esporte espetáculo incentiva as potencialidades dos indivíduos para o esporte de alto rendimento, estimulando-os para tornarem-se atletas". Sendo assim, a revelação de atletas, ou talentos esportivos, tem maior importância na sociedade do que uma prática orientada para a participação e emancipação humana.

Na mesma direção Korsakas (2002, p. 40) coloca que "... o esporte veiculado pela mídia se tornou a mais forte referência para a palavra esporte". Assim, o rendimento esportivo se apresenta como o único modelo de prática esportiva a ser seguido, e que Korsakas (2002) ainda cita como sendo essa, a principal causa do conflito entre educação e esporte.

Apresentando o contato direto e constante com os praticantes, no caso as crianças, o técnico/professor assume papel de destaque como mediador das relações entre crianças e pais, crianças e dirigentes esportivos, e da própria relação com os pais e dirigentes esportivos. Assim, segundo Korsakas (2002) o esporte apresenta a possibilidade de atuar como meio de educação dependendo estreitamente das concepções que os adultos envolvidos possuem. E o técnico/professor tem que saber interagir e conviver com esses aspectos do ambiente de treinos e jogos das crianças.

A seguir, no capítulo II apresentamos as discussões relativas às entrevistas realizadas com os técnicos/professores, fazendo ligação das percepções dos mesmos com o conteúdo apresentado neste capítulo.

CAPÍTULO II – BUSCANDO COMPREENDER AS PRETENÇÕES E AS PERCEPÇÕES DOS TÉCNICOS/PROFESSORES

Este capítulo mostra os resultados mais relevantes identificados nas entrevistas realizadas com os técnicos/professores. O capítulo tem como eixo as discussões pertinentes aos conteúdos expostos pelos técnicos/professores, fazendo relação com o conteúdo da revisão de literatura apresentado no capítulo anterior.

2.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Todos os indivíduos entrevistados são do sexo masculino e variam numa faixa de idade entre 19 e 44 anos. Em relação ao tempo de trabalho com as categorias em questão, variam de 2 meses à 20 anos de trabalho.

Dos sete (7) indivíduos entrevistados, apenas dois (2) tiveram formação acadêmica na área de Educação Física, e um (1) ainda está cursando o primeiro ano o curso de Educação Física. Os outros quatro não têm formação no ensino superior em Educação Física ou Esportes, apresentando somente alguns cursos de formação de técnicos de esporte, no caso o futsal.

A respeito do tempo de trabalho na categoria, idade e formação acadêmica ou não, pudemos concluir que estas variáveis não influenciaram significativamente nos relatos dos entrevistados. Foi apresentado no geral, idéias bastante parecidas no decorrer das entrevistas.

2.2 OBJETIVOS DO ESPORTE NA INFÂNCIA

Ao serem questionados a respeito dos objetivos do esporte na infância, obtivemos respostas bem diversas, e em certos casos contraditórias. O técnico/professor A coloca que o esporte aparece também como um meio de educação da criança, ou seja, um meio fora do ambiente escolar onde também é trabalhada a educação. Além de citar que o esporte trabalha outras coisas

além da educação, como qualidade de vida, respeito, saúde e disciplina. Sendo, de certa forma, aspectos intimamente ligados com a educação.

Convergente a essa idéia, o técnico/professor E também coloca que os principais objetivos do esporte na infância são a introdução na prática esportiva como lazer, saúde e socialização entre as crianças. E o técnico/professor F cita que “- *os objetivos do esporte na infância é mais a interação da criança, a parte social, aprender a interagir com os outros coleguinhas*”. E completando, o técnico professor F coloca que nessa fase de iniciação deve-se começar um intercâmbio social, para que as crianças aprendam a dividir as coisas com outras crianças.

Para o técnico/professor G, o esporte tem como principal objetivo, “*ou carro chefe*”, a formação das crianças. Ele acredita que deve se desenvolver o trabalho com as crianças adequadamente, visando não pular as etapas do desenvolvimento das mesmas, para que no futuro elas possam estar escolhendo o caminho no esporte que elas queiram seguir. Seja este caminho o do futsal, o do basquete, o do voleibol, ou de qualquer outro esporte que elas venham a escolher. Acredita que a idéia principal do esporte na infância seria de criar “- *um acervo em relação ao esporte*”, incorporando na criança um hábito maior em relação a qualquer esporte.

Na visão destes técnicos/professores podemos observar certa coerência com o conteúdo abordado na revisão de literatura, ou seja, converge com as idéias dos autores pesquisados e descritos no capítulo anterior. Apresentando assim, uma visão de educação e de participação das crianças no esporte como um meio formativo.

Essa visão dos técnicos/professores converge com o que Bento (1989) diz a respeito do esporte. Sendo que, segundo o autor, o esporte deve conduzir a uma forma saudável de vida, e além de oferecer possibilidades de realização no tempo livre e variedade de contatos sociais, é um fator importante no desenvolvimento da personalidade.

O técnico/professor B declarou que o principal objetivo do esporte na infância “- *é tentar tirar o garoto da rua, trazer [para o clube], dar um lazer para eles*”. Desta maneira, podemos observar que a visão desse técnico/professor é,

de certa forma, funcionalista, vendo no esporte um meio apenas para combater um problema social.

Já os técnicos/professores C e D apresentaram certas contradições possíveis de serem pontuadas. Ou seja, o técnico/professor C disse que primeiramente devemos nos preocupar com a educação do atleta, mas por outro lado temos que visar também alguns objetivos como a conquista de títulos.

Dessa maneira, estaríamos educando as crianças somente para a vitória? E como podemos pensar numa educação das crianças por meio do esporte, se o meio onde elas estão inseridas visa os mesmos objetivos do esporte de alto rendimento? Relativo a isso, Korsakas (2002) coloca que é esse, o principal motivo do conflito entre educação e esporte, pois o rendimento esportivo, os títulos, os resultados são, na atualidade, os únicos modelos de esporte a serem seguidos.

E o técnico/professor D cita que o objetivo do trabalho desenvolvido é “*tentar educar através do esporte. Movimento, locomoção, mas através do esporte, colocando a modalidade que é do futsal*”. Sendo assim, a educação que o técnico/professor se refere é a educação dos movimentos referente à modalidade do futsal, ou seja, apenas uma educação dos movimentos da modalidade, e não uma educação ou formação integral das crianças. Vendo dessa maneira, o esporte como um meio apenas de desenvolvimento das habilidades motoras da modalidade.

2.3 OBJETIVOS EM RELAÇÃO À PRÁTICA E EM RELAÇÃO ÀS CRIANÇAS

A respeito dos objetivos próprios em relação à prática sistemática do futsal com crianças e os em relação às crianças em si, os técnicos apresentaram, no geral, idéias bastante contraditórias. Várias respostas relatadas apresentaram idéias que caminhavam em direções opostas.

O técnico/professor A mencionou que procura dar uma ênfase na universalização de todas as características das crianças, não especificando uma coisa só. Ele mencionou que procura não especializar em certas posições os garotos, e que tenta passar para as crianças que eles estão ali

simplesmente para jogar uma bola. Porém, por outro lado, ele coloca que nos jogos “- não tem como não falar que não seja a vitória e o bom desempenho da criança. A gente sempre procura o melhor desempenho, aí cabe o resultado”. E que, as crianças treinam durante a semana, e no final de semana eles devem mostrar o seu melhor.

Dessa maneira, mesmo não querendo especializar as crianças em determinadas posições, ao chegar nos jogos, nos momentos de disputa, o técnico/professor A mostra uma preocupação com o resultado e o desempenho das crianças.

O técnico/professor B disse que o objetivo principal da prática do futsal com crianças seria o de passar para as crianças o plano tático que a equipe tem que fazer e também o condicionamento físico das crianças. Para que no final de semana, nos jogos, os garotos entrem em quadra para buscar o objetivo próprio de cada jogo. Sendo assim, o técnico/professor B apresenta um planejamento de treino/aula para as crianças, igual ao que podemos observar nos clubes profissionais, ou seja, no ambiente esportivo dos adultos.

Paralelo a isso, o técnico/professor C declara que o objetivo principal da prática seria o de estar passando a didática do futsal para as crianças estarem jogando aos finais de semana os campeonatos. E além de passar a didática do futsal, ele relata como também sendo um objetivo, a conquista de alguns resultados. Para justificar ele argumenta que as crianças também têm o objetivo de resultados e boa participação dentro da competição.

Também apresentando idéias contraditórias, o técnico/professor D expõe que a participação é o ponto principal, porém justifica essa participação pelo fato de a região ser bastante competitiva nesse tipo de prática do futsal. E completa, de acordo com o técnico/professor B, que um dos objetivos do clube seria o de estar tirando os garotos da rua, para formar o cidadão, trabalhando educação, convívio e convívio escolar.

Já o técnico/professor E coloca que o objetivo do clube é a conquista de títulos. Por outro lado, cita que o objetivo maior é o de formar os garotos, incentivando-os sempre para a prática do esporte. Mas relata que em se tratando do nível de competição em que o clube está atuando, ou seja, os

garotos competindo pela federação, sempre há o objetivo de vitórias e de títulos.

Dessa maneira, os técnicos/professores B, C, D, E vêem o esporte na infância da mesma maneira que o esporte de adultos, tendo como principal meta a conquista de títulos.

A idéia dos técnicos/professores B, C, D, E a respeito dos objetivos com a prática e com as crianças em si, apresenta uma visão contrária ao que Bento (1989), Balbino (2001), Arena & Böhme (2000) expõem. Os autores dizem que o esporte de crianças se torna diferente do esporte de adultos, pois requer diferentes acentuações de objetivos e conteúdos.

O técnico/professor F coloca que o objetivo é ganhar de uma forma correta, ou seja, a forma correta a que ele se refere é que os meninos ganhem mostrando o que eles aprenderam durante os treinos. Dominando a bola corretamente e fazendo as jogadas corretamente. E mesmo que a equipe perca o jogo não tem problema se os garotos fizeram a prática corretamente. A idéia principal é que os garotos façam aquilo que eles treinaram durante a semana.

Podemos observar nos relatos dos técnicos/professores, a respeito dos objetivos próprios com a prática e os objetivos em relação às crianças, que o pensamento predominante é o do esporte de alto nível de rendimento ou profissional, confirmando assim, a observação de Santana (2004a), na qual cita que os técnicos/professores estão preocupados somente com o resultado, buscando atender apenas os interesses dos dirigentes, como também, os seus próprios.

2.4 À RESPEITO DA COMPETIÇÃO ATÉ OS 11 ANOS

Os técnicos/professores, ao serem questionados a respeito da competição esportiva na infância até os 11 anos apresentaram respostas bastante semelhantes. Na maioria das respostas foi possível observar que os técnicos/professores acham que a competição, do modo como é realizada, é prejudicial para as crianças. E em muitos casos foi possível localizar a proposta

de outras formas de se praticar o futsal nessa idade, como por exemplo, através de festivais ou campeonatos de caráter mais regional.

Podemos observar que em vários momentos dos relatos dos técnicos/professores apareceu o termo “atletas”, assim como o “trabalhar”, ou “trabalho com os garotos”. Assim como, Santana (2004a) menciona que muitas vezes, os adultos envolvidos nesse ambiente de prática do futsal encaram o esporte de criança como um “trabalho”.

Ficando, dessa maneira, muito nítido o fato de a idéia do esporte de alto rendimento, ou de adultos, estar muito presente nesse ambiente de prática do futsal na infância.

O técnico/professor A menciona que têm garotos que estão maduros o suficiente para conseguir assimilar a competição, mas há outros que ainda não atingiram esse nível de assimilação. Nos quais você pode perceber comportamento de insegurança, de medo e de nervosismo. “- *A gente vê garotos antes dos jogos muito nervosos, tremendo a perninha*”. Paralelo a isso, o técnico/professor F coloca que além de expor a criança sem maturidade psicológica, sem uma formação adequada, acredita que esse tipo de competição esportiva é massacrante e desumano, pois exige que as crianças tenham um comportamento do esporte de alto nível de rendimento.

Mas cabe aqui a pergunta: quem é que exige esse alto nível de rendimento? Os pais, os técnicos/professores, os dirigentes, ou a própria competição? E não são os adultos responsáveis que organizam essa mesma competição?

O técnico/professor G acredita que esse tipo de competição na infância não é muito saudável, porque muitas vezes, “- *vira uma arena dentro de quadra*”, se tornando um ambiente recheado de pressão por várias partes, tanto treinadores, como pais e até juizes. Ele coloca que cansou de ver atletas que tinham um certo talento nessas categorias (sub-9 e sub-11), mas que desistiram de jogar futsal por estarem saturados e não agüentarem mais as competições. Seguindo, ele propõe que a saída seria a realização de festivais, ou campeonatos mais curtos.

A menção do técnico/professor G a respeito da desistência de crianças pela prática do futsal pode ilustrar o que De Rose Jr. (2002) e Ferraz (2002) dizem. Ou seja, os autores expõem que o abandono precoce da prática esportiva está ligado com a atribuição causal aos resultados de competições na infância.

Porém, depois de mencionar que a saída seria a realização de festivais, o técnico/professor G cita, de maneira contraditória com a idéia anterior, um fato que ocorreu com sua equipe sub-9. Ou seja, ele relata que num campeonato da Federação Paulista de Futebol de Salão a sua equipe perdeu a maioria dos jogos devido à não preparação prévia para a competição. Sendo assim, ele relata uma certa preocupação com o resultado da competição em si, que por sua vez contradiz com a idéia exposta anteriormente, ao propor os festivais.

A técnico/professor A menciona um passo positivo realizado pela Federação Paulista de Futebol de Salão, que é o fato de ser obrigatório colocar pelo menos 10 garotos no jogo⁴. Mas por outro lado, é crítico ao relatar o que a Federação faz com essas categorias, ou seja, a mesma coisa que se faz com as competições dos adultos, por exemplo, nos modelos de premiação dos atletas.

O técnico/professor B coloca que por ser uma competição oficial, a carga é muito pesada para as crianças. Ele cita que deve haver um pouquinho mais de calma nas categorias sub-9 e sub-11. Ele vê a competição como sendo acirrada e menciona que era para ser mais tranquilo, mas completa que no ambiente de federação não há como acontecer isso. Aliado a isso, o técnico/professor D coloca que *“- é uma competição que existe uma pressão muito grande extraquadra”*.

O técnico/professor F cita que muitas vezes nesse tipo de competição é exigida uma especialização em determinadas jogadas, em determinadas posições. O que ele acredita ser extremamente prejudicial às crianças.

⁴ Tal menção feita pelo técnico/professor A é o fato de a Federação impor como regra que os técnicos/professores das equipes sub-9 e sub-11 devem colocar no jogo pelo menos 10 garotos, ou seja, no primeiro tempo 5 garotos, no segundo tempo outros 5 (diferentes daqueles do primeiro tempo) e no terceiro tempo o técnico/professor fica livre para colocar quem ele quiser. Tal modificação na regra pode ser um passo para uma melhor estruturação do molde do campeonato, porém, o modelo ainda não é o indicado para o esporte na infância.

Sendo assim, a literatura diverge em parte dos técnicos/professores quando estes últimos analisam criticamente a competição federada, mas por outro lado, se submetem a elas e não apresentam à entidade um projeto alternativo.

De acordo com o que cada técnico/professor, ou cada pai e dirigente esportivo pensar da competição, seja ela federada ou não, poderemos ter diferentes tipos de competição na infância. Tendo assim, diferentes conseqüências também.

Na mesma direção, Korsakas (2002) diz que o esporte apresenta a possibilidade de atuar como meio de educação dependendo estreitamente das concepções que os adultos envolvidos possuem. Sendo assim, quem deixará a competição mais ou menos exacerbada são os próprios adultos envolvidos na prática.

Já o técnico/professor C coloca que em sua percepção a competição é encarada como um prazer das crianças em estar sempre jogando. Com isso, para ele, a criança vai buscando novas amizades. E mesmo os que não jogam e ficam sempre do lado de fora dos jogos, visam às amizades e não se preocupam em estar jogando.

O técnico/professor D acha que a competição federada na infância até os 11 anos é precoce. Mas, cita que ele trabalha com esse tipo de prática do futsal porque na região onde se encontra o clube, *“- todo mundo tem a equipe sub-11, sub-9, e se a gente não montar, a gente começa a perder”*.

Dessa maneira, o técnico/professor D apresenta uma preocupação com o rendimento da equipe em competições da região, pois acredita que não deve ficar atrás de outros clubes da região que disputam campeonatos da Federação.

O técnico/professor E coloca a competição como sendo muito importante para se trabalhar (*sic*) a disciplina com os garotos. *“- A competição é importante no sentido deles aprenderem a respeitar o técnico, respeitar as opções do técnico, respeitar os companheiros que estão em melhores condições do que eles no momento”*.

O técnico/professor E acredita que se trabalhando esses quesitos com as crianças, mais pra frente quando eles estiverem numa idade mais avançada, o técnico/professor não precisará se preocupar mais com esses quesitos, e sim se preocupar mais com a parte técnica e tática da equipe. O técnico/professor E também relata que se deve saber dosar a cobrança e o incentivo com as crianças, mas ele se contradiz em outro momento quando questionado a respeito dos objetivos com a prática, dizendo que um dos objetivos é sim os resultados nos campeonatos.

Mesmo propondo novos modelos de competições para as crianças através de festivais ou campeonatos mais curtos, os técnicos/professores, novamente, mostram nos depoimentos que o pensamento predominante nesse ambiente de prática do futsal é o mesmo do esporte de alto rendimento.

2.5 RELAÇÃO COM OS DIRIGENTES DO CLUBE

Quando questionados a respeito da atuação dos dirigentes dos clubes em relação ao trabalho desenvolvido, os técnicos/professores apresentaram respostas semelhantes.

A maioria dos técnicos/professores relatou que não sofre nenhum tipo de cobrança ou pressão por parte dos dirigentes dos respectivos clubes. Dois deles, que estão relacionados com um trabalho de prefeitura, disseram que não há cobranças de resultados, e que os coordenadores dos trabalhos atuam como colaboradores ou não acompanham o trabalho desenvolvido com as crianças.

O técnico/professor B cita que o dirigente se preocupa muito mais em fazer com que o clube se mantenha em atividade, “- *a expectativa do dirigente é mais de fazer o clube em atividade e estar sempre na mídia*”. O importante para o dirigente nesse caso é o clube manter atividades dentro de suas dependências e, de certa forma, aparecer na mídia, mostrando uma preocupação com a exposição do clube na mídia.

Por outro lado, o técnico/professor A relatou que no caso do clube onde trabalha há cobrança de resultados por parte do dirigente. E acrescentou que o mesmo apresenta um discurso para os pais, diferente do discurso feito para o

técnico/professor da categoria. Mas deixa claro também que há no clube uma certa hierarquia, na qual o próprio dirigente sofre cobranças de pessoas de cargos acima do seu.

Sendo assim, ao serem questionados a respeito da atuação dos dirigentes, os técnicos/professores responderam, de maneira geral que os dirigentes não cobram resultados. Tendo apenas um técnico/professor relatando que sofre esse tipo de cobrança.

2.6 RELAÇÃO COM OS PAIS DAS CRIANÇAS

Na questão da relação dos técnicos/professores com os pais das crianças podemos observar certas semelhanças nas respostas. A maioria vê a relação entre pai e professor bem tranqüila, aberta e transparente, apesar de todos reconhecerem que há certos atritos difíceis de serem evitados.

No caso do técnico/professor B, ele percebe na relação com os pais um obstáculo muito grande de ser superado. Dizendo que “- *há muitos 'pais-treinadores' fora que se diz conhecer mais do que a gente*”. Esse relato deixa claro que, em sua percepção, a presença e interferência de pais no ambiente de treinos e jogos é bastante prejudicial para o trabalho que ele desenvolve, sendo muito difícil trabalhar com os pais.

Os técnicos/professores A, C e D vêem a relação com os pais de forma bem aberta e transparente, deixando bem claro que a flexibilidade na relação e o diálogo é fundamental para o processo de desenvolvimento das crianças.

Essa relação dos técnicos/professores A, C e D com os pais das crianças converge com as idéias de Simões (2002), que diz ser muito importante para a estrutura social do esporte na infância a forma de participação dos adultos. Sendo, nesse caso, feita de maneira crítica e com diálogo.

O técnico/professor A expõe que muitas crianças possuem uma relação muito estreita de dependência com os pais. E que “- *qualquer coisinha que eles fazem, procuram o pai na arquibancada*”. E por outro lado, coloca que tem garotos que nem olham para o pai no momento do jogo.

O técnico/professor D menciona que no caso de seu clube o diálogo se torna um instrumento principal na relação dos pais com o técnico e até na relação pai e filho. Sendo que sempre que há novas experiências, existe o diálogo com os pais para que o trabalho seja o mais transparente possível.

O técnico/professor E coloca que na maioria dos casos, os pais cobram excessivamente seus filhos. E ressalta que deve haver uma preparação psicológica muito maior por parte dos pais do que das próprias crianças, citando o diálogo como um meio de minimizar esse obstáculo.

Neste sentido, Paes (1992) diz que esse tipo de comportamento dos pais em relação a prática dos filhos no esporte pode atuar como agente “desmotivador”, influenciando negativamente essa mesma prática.

O técnico/professor F observa que o pai deve “- ser o *primeiro a apoiar a criança e não ser o primeiro a cobrar*”. Principalmente porque as crianças em sua maioria não jogam para si, mas sim para os pais que estão nas arquibancadas.

Corroborando assim, com a colocação de Kuroda & Marques (2000), citando que a criança se vê na obrigatoriedade e responsabilidade de realizar um esforço para satisfazer o desejo dos outros e não mais os seus. Buscando nos pais a aprovação de suas atitudes apresentadas dentro de quadra.

Os técnicos/professores F e G também ressaltam, de acordo com Santana (2004a), que muitas vezes o pai quer que o filho seja aquilo que ele não foi, ou o que ele foi, buscando no filho expectativas que nem sempre serão alcançadas. E as crianças ficam tensas por causa desses comportamentos dos pais. E o técnico/professor G diz que “- *a própria competição acaba despertando esse lado no pai ou na própria criança*”.

De acordo com a classificação de Coelho (1988), o técnico/professor G cita que existem pais conscientes daquilo que querem para o filho, como também existem pais que realmente querem o resultado. Dessa maneira, pode-se observar pais gritando com as crianças e xingando-as em ambientes de treinos e jogos.

Os técnicos/professores A, F e G colocam que no geral a relação com os pais é bem tranqüila, porém, na maioria dos casos em que há atrito dos pais

com o técnico é devido à criança ficar no banco de reservas, não entrando no jogo. A maioria dos conflitos ocorre com pais de crianças que não jogam muito ou nem entram em quadra para jogar.

Em relação a interferência dos pais nos momentos de treinos e jogos, o técnico/professor B cita que essas atitudes acontecem de fato, e atrapalham o desenvolvimento do trabalho, pois de um lado o técnico passa as instruções para as crianças, e de outro, os pais ficam falando com os filhos como é que eles devem jogar.

Paralelo a isso, o técnico/professor A coloca que no seu caso particular, ele trabalha essa questão com as crianças dizendo que os pais lá fora são somente torcedores e que nos momentos de jogos e treinos elas devem ouvir somente o técnico.

Dessa maneira, podemos observar nos depoimentos dos técnicos/professores a respeito da relação com os pais que, em certos casos, o comportamento dos pais se torna prejudiciais para a prática do filho. Isso pode ser relacionado com o que Portella (2003) diz, ou seja, a criança pode não encontrar referencial nos pais.

2.7 COMPETIÇÃO FEDERADA E INICIAÇÃO AO FUTSAL

Por fim, ao serem questionados a respeito do papel da iniciação esportiva na infância no ambiente de competições federadas, os técnicos/professores apresentaram, no geral, respostas bastante convergentes com os relatos das respostas das outras questões, sendo em alguns casos, possível de localizar algumas contradições.

De um lado é defendido o sistema de competições para a motivação das crianças, e por outro, se preocupam com o desenvolvimento das habilidades técnicas das crianças com a finalidade de obter melhores resultados, assim como é observado no esporte profissional, ou adulto.

Vários foram os depoimentos criticando os valores do esporte de adultos no ambiente de competição esportiva infantil, e paralelo a isso várias foram as propostas de festivais e competições mais curtas, estruturadas regionalmente.

Porém, observando as contradições apresentadas nas entrevistas dos técnicos/professores, em muitos casos foi possível identificar que o pensamento predominante dos mesmos também é os valores do esporte de adultos, ou profissional.

A seguir apresentaremos as considerações finais desse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode se observar que os depoimentos dos técnicos/professores estavam, em alguns casos, convergentes com os pensamentos dos autores estudados e analisados no capítulo I. Porém, por outro lado, pôde ser identificada certa contradição nos relatos. Contradição esta que, na maioria das vezes, convergia com os pensamentos e ideais do esporte de alto rendimento e/ou profissional.

Os técnicos/professores apresentaram em relação aos objetivos do esporte na infância, uma idéia bastante semelhante a dos autores abordados no capítulo I. Tendo como idéia principal o caráter formativo da prática de futsal na infância. Mas houve também depoimento, no qual pode ser identificada uma preocupação com o ensino das habilidades motoras do futsal, sendo, dessa maneira, segundo Santana (2004a) uma pedagogia reducionista.

Os técnicos/professores, ao serem questionados a respeito dos objetivos com a prática sistemática do futsal com crianças, entram em contradição com o que a maioria deles relata quando questionados a respeito dos objetivos do esporte na infância.

Podendo ser observado um depoimento bastante convergente com o pensamento predominante no esporte de alto rendimento, ou seja, objetivando-se principalmente a conquista de títulos. Fato este, que caminha na direção oposta à idéia de formação integral das crianças pelo esporte.

A respeito das competições de crianças até os 11 anos, os técnicos/professores mencionaram que esse tipo de competição para essa faixa etária é bastante prejudicial para as crianças, principalmente da maneira como é conduzida. Mas quem comanda esse tipo de prática e atribui ênfase são os adultos envolvidos, no caso os pais, os dirigentes esportivos e os próprios técnicos/professores.

Paralelo a isso, SANTANA, REIS e RIBEIRO (2005), em pesquisa realizada com atletas de alto nível de rendimento de futsal, com passagem pela seleção brasileira da modalidade, concluíram que os atletas pesquisados

tiveram a iniciação esportiva na modalidade, e começaram a competir federadamente em idades recomendadas pela literatura especializada.

Sendo assim, questionamos o porquê de haver tantas crianças com idade até os 11 anos, competindo em campeonatos da Federação, nos quais pode se observar os mesmos moldes dos campeonatos de pessoas adultas, sendo que a elite do futsal brasileiro (atletas de seleção brasileira de futsal) começou suas competições em idades adequadas conforme a literatura.

Podemos observar por meio das percepções dos técnicos/professores, quando questionados a respeito da atuação dos dirigentes, que não há qualquer tipo de cobrança. Tendo apenas um (1) técnico/professor relatado que sofre cobrança de resultados por parte do dirigente do clube. Essas percepções dos técnicos/professores, de certa forma, contrariam os autores pesquisados e discutidos no capítulo I quando estes tratam dos dirigentes.

No geral, na percepção dos técnicos/professores a relação com os pais das crianças é bastante tranqüila e aberta. Mas podemos observar em vários relatos, o descontentamento do técnico/professor com certos comportamentos dos pais. Ou seja, pais que intervêm na prática do técnico/professor, se achando no direito de orientar o filho, atrapalhando muitas vezes o técnico/professor e o próprio filho.

Ao colocar os filhos em clubes para aprenderem a jogar futsal, os pais também depositam, mesmo que inconscientemente, seus desejos nessa ação. Desejos esses, de verem seus filhos campeões e fazendo golaços. De certa forma, transferem suas vontades, que não foram saciadas ou foram frustradas nos tempos em que jogavam bola, e querem ver em seus filhos o sucesso que não conseguiram alcançar, pois quando crianças também apresentavam sonhos como toda criança apresenta.

Dessa forma, o técnico/professor tem que saber interagir e conviver com esse tipo de ambiente de treinos e jogos. Ficando uma responsabilidade bastante grande para o técnico/professor saber mediar as relações com os pais das crianças.

A respeito do papel da iniciação esportiva no ambiente de competições federadas, vários foram os depoimentos criticando os valores do esporte de

adultos no ambiente de competição esportiva infantil, ao mesmo tempo em que os técnicos/professores propunham novas saídas para o esporte, no caso o futsal na infância, por meio de festivais e campeonatos mais curtos.

Porém, mesmo propondo novas saídas para as competições na infância, em muitos casos foi possível identificar que o pensamento predominante dos técnicos/professores é o de valores do esporte de adultos, ou profissional.

Qualquer que seja o tipo de prática de futsal, ou de qualquer outra modalidade esportiva, seja ela competitiva ou não, na qual crianças estão envolvidas, a idéia que deve prevalecer é a de participação. Tendo todas as crianças o direito de participar em qualquer meio esportivo, pois só assim poderemos pensar num modelo de iniciação esportiva mais humano e capaz de criar indivíduos autônomos e críticos, deixando de lado a idéia de exclusão.

Por fim, fica a evidência de que o assunto abordado não se encerra aqui com essas considerações finais, sendo necessário mais investigações no campo da Pedagogia do Esporte, no caso mais especificamente do futsal na infância, para compreendermos mais o ambiente de prática sistemática desta modalidade esportiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENA, S. S.; BÖHME, M. T. S. Programas de iniciação e especialização esportiva na Grande São Paulo. In: Revista Paulista de Educação Física. São Paulo: 14(2): 184-195, jul./dez., 2000.
- BALBINO, H. F. Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte. 2001. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação Física, Campinas.
- BENTO, J. O. A criança no treino e desporto de rendimento. In: Revista Kinesis. Santa Maria: v.5, n.1 9-35, jan/jul, 1989.
- BETTI, M. Cultura corporal e cultura esportiva. In: Revista Paulista de Educação Física. São Paulo: 7(2): pp. 44-51, jul./dez. 1993.
- COELHO, O. Pedagogia do desporto: contributos para uma compreensão do desporto juvenil. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
- COSTA, L. P. Consórcio apresenta o maior panorama sobre o setor de Atividade Física no país. In: E.F. - Educação Física – Órgão do CONFEF, ano 3, nº 11, pp. 17-19, março 2004.
- DAOLIO, J. Cultura, educação física e futebol. 2ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- DE ROSE JR, D. A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: DE ROSE JR, D. Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.
- FERRAZ, O. L. O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências. In: DE ROSE JR, D. Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.
- FERREIRA, R. L. Futsal e iniciação. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1994.
- GIULIANOTTI, R. Sociologia do futebol: dimensões históricas e sócio-culturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- HALLAL, P. C. et al. Fatores intervenientes associados ao abandono do futsal em adolescentes. In: Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília: 12(3): pp. 27-32, 2004.
- INCARBONE, O. Iniciação desportiva. In: Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília: v.4, n.3, 98-103, 1990.
- KORSAKAS, P. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In: DE ROSE JR, D. Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.
- KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Ed. Unijuí, 1994.
- KURODA, S. J; MARQUES, J. A. A. Iniciação esportiva: um instrumento para socialização e formação de crianças e jovens. In: RUBIO, K. (Org.) Psicologia

do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E, M. Fundamentos de metodologia científica. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MARQUES, A. T; OLIVEIRA, J. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde. In: BARBANTI, V; AMADIO, J. C; BENTO, J. O; MARQUES, A. T. (Orgs.) Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde. Barueri: Editora Manole, 2002.

MARTINS DA SILVA, F. (Org.) Treinamento desportivo: aplicações e implicações. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2002.

MUTTI, D. Futsal – Futebol de Salão: artes e segredos. São Paulo: Hemus, 1994.

MUTTI, D. Futsal: da iniciação ao alto nível. São Paulo: D. Mutti, 1999.

NASCIMENTO, A. C. S. L. Pedagogia do esporte e o atletismo: considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. 2000. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação Física, Campinas.

NISTA-PICCOLO, V. L. Pedagogia dos esportes. In: Nista-Piccolo, V. L. (org.). Pedagogia dos esportes. Campinas: Papirus, 1999.

PAES, R. R. Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JR, D. Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

PARKER, S. A Sociologia do Lazer. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PORTELLA, D. L. A influencia dos pais no rendimento da criança em competições. Disponível em: "<http://www.efdeportes.com/>" Revista Digital - Buenos Aires - Año 8 - n.57 - Febrero: 2003.

REIS, H. H. B. Futebol e sociedade: as manifestações da torcida. 1998. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação Física, Campinas.

SANTANA, W. C. Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e especialização. Campinas: Autores Associados, 2004a.

SANTANA, W. C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. Apostila, 2004b.

SANTANA, W. C. A pedagogia do esporte e a moralidade infantil. 2003. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação Física, Campinas.

SANTANA, W. C. Futsal: metodologia da participação. Londrina: Ed. Lido, 1996.

SANTANA, W. C.; REIS, H. H. B. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. In: Revista Brasileira de Ciência e Movimento. 11(4): pp. 45-50, out./dez. 2003.

SANTANA, W. C.; REIS, H. H. B.; RIBEIRO, D. A. A iniciação de jogadores de futsal com participação na seleção brasileira. In: Educação física e esportes: formação e intervenção profissional. Anais... II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA DO ESPORTE. Maringá: Universidade Estadual de Maringá/UEM, 2005.

SCAGLIA, A. J. Escola de futebol: uma prática pedagógica. In: Nista-Piccolo, V. L. (org.). Pedagogia dos esportes. Campinas: Papirus, 1999.

SIMÕES, A. C. A psicossociologia do vínculo esporte-adultos-crianças e adolescentes: análise das influências. In: DE ROSE JR, D. Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

SIMÕES, A. C. et al. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. In: Revista Paulista de Educação Física. São Paulo: 13(1): pp. 34-45, jan./jun., 1999.

TANI, G. et al. Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

TSUKAMOTO, M. H. C; NUNOMURA, M. Iniciação esportiva: um olhar sobre a ginástica artística. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas: v.26, n.3, pp. 159-176, mai., 2005.

ANEXOS

ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO COM OS TÉCNICOS/PROFESSORES

- 1) Sexo:
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Há quanto tempo trabalha no clube como técnico dessa categoria?
- 4) Graduou-se em algum curso de 3° grau (por exemplo: Educação física, Esportes, etc...)? Qual?
- 5) Quais os objetivos do esporte na infância?
- 6) No ambiente de prática sistemática do futsal, ou seja, treinos semanais e jogos aos finais de semana, quais são os seus objetivos próprios e os objetivos em relação aos alunos?
- 7) Como você vê a competição esportiva na infância até os onze anos?
- 8) Como é a sua relação com os pais dos alunos?
- 9) Como você vê a relação dos alunos com os pais nesse ambiente de prática do futsal? E a relação dos pais com os alunos nesse mesmo ambiente?
- 10) Para você, qual é a expectativa do (s) dirigente (s) do clube em relação ao seu trabalho com as crianças da categoria? E quais são as atitudes do dirigente nos treinos e jogos?
- 11) Na sua opinião, qual seria o papel da iniciação esportiva na infância nesse ambiente de competições federadas?

ANEXO II – ENTREVISTAS TRANSCRITAS NA ÍNTEGRA

Entrevista Técnico/professor A

1) Sexo: masculino

2) Qual a sua idade?

R: 23 anos.

3) Há quanto tempo trabalha no clube como técnico dessa categoria?

R: Há 3 anos.

4) Graduou-se em algum curso de 3° grau (por exemplo: Educação física, Esportes, etc...)? Qual?

R: Educação física na Unicamp.

5) Quais são os objetivos do esporte na infância?

R: Bom, ao meu ver, acho que o esporte vem como uma outra característica da educação da criança. O esporte eu acho que vem como um meio de educar também. Trabalha as outras questões de qualidade de vida, saúde, respeito, disciplina. Essas são as principais características, assim, do esporte, além de ser uma vivência a mais da criança para com os outros colegas, em outro local diferente da escola.

6) No ambiente de prática sistemática do futsal, ou seja, treinos semanais e jogos aos finais de semana, quais são os seus objetivos próprios e os objetivos em relação aos alunos?

R: Bom, os meus objetivos com relação aos treinos e jogos, mais os treinos, é a ampliação da característica da criança, principalmente no futsal. A gente tenta não especificar tanto a criança no treino. Dar uma visão um pouquinho mais geral do esporte. Praticar sempre. A gente procura não especificar sempre uma certa posição. A gente tenta universalizar todas as características, não especificando só uma coisa na criança. Nos jogos, a gente não tem como não falar que não seja a vitória e o bom desempenho da criança. A gente sempre procura o melhor desempenho, e aí cabe o resultado. Agora, os objetivos em relação aos alunos, é lógico que a gente espera dar uma oportunidade a todos. Infelizmente, por estar num meio competitivo, isso nem sempre é possível. E o que a gente tenta mostrar pra criança é o respeito entre elas, entre eles do próprio time e com o adversário. Não mostrando esse negócio que a imprensa mostra: rivalidade, violência. A gente sempre tenta mostrar isso aí, que nós estamos lá simplesmente para jogar uma bola, para participar de um momento. Lógico! Tem que mostrar o seu melhor. Você treinou durante semana e tem o final de semana para mostrar o seu melhor. Tem dias que dá certo, tem dias que nada dá certo. Tem fases que estão boas, tem fases que não estão boas. Mas na medida do possível, a gente tenta mostrar para a criança, não só a parte competitiva, ganhar a qualquer custo, mas sempre ter a evolução, o crescimento pessoal, do grupo, individual. E a gente tenta mostrar coisas um pouquinho diferentes do que a realidade aí fora tenta mostrar para elas.

7) Como você vê a competição esportiva na infância até os onze anos?

R: A competição até os 11 anos é um pouco complicada. Como eu trabalho com a categoria sub-11, têm garotos que já estão maduros o suficiente para conseguir assimilar os negócios de competição e têm outros que não. A gente vê garotos antes dos jogos muito nervosos, tremendo a perninha. Isso é uma judiação enorme. A gente sabe muitas vezes que a gente tenta apaziguar esse nervosismo. A gente sabe que é característica de cada um. Têm outros meninos que tiram isso de letra, tranqüilo, pai, torcida, treinador. Mas é uma questão muito complicada. Eu acho que a competição

para criança deveria ser com um objetivo um pouco diferente do que a gente tem de adultos. Talvez festivais. Eu acho que seria uma coisa mais apropriada. Não só o primeiro, nem só o segundo serem premiados, mas acho que todos que participaram, todos que mostraram empenho. Eu acho que deveriam mostrar uma gratificação para essas crianças. Apesar de hoje, a regra da federação exigir que você use 10 atletas, alunos né, “atletas” como eles gostam de falar, alunos por jogo, acho que isso já melhorou um pouquinho. Porque você é obrigado a colocar 10 jogadores, o que antes não precisava. Eram só 5 e os outros 10 que faziam parte do grupo, só iam pra passear. Hoje já diminuiu. Hoje são 5 só que vão passear. E 10 participam. Então acho que estão melhorando, estão vendo o que é diferente. Vamos esperar que as medidas sejam um pouquinho melhores a partir de agora.

8) Como é a sua relação com os pais dos alunos?

R: Bom, com os alunos no sub-11, eu tenho uma sorte de ser bem amigável. Eu deixo tudo bem transparente, eu tento conversar, não sou aquele treinador que não conversa com os pais. Sempre que há um problema eu deixo livre para vir conversar. Às vezes tenho muita cobrança. Principalmente dos garotos que não jogam. Os pais vêm perguntar porque que não jogam. Porque que é isso. Porque é aquilo. Os pais acham que sempre sabem um pouco mais. Principalmente pai que é ex-atleta frustrado. Mas a gente tem que saber lidar com isso daí. É uma coisa, se você souber levar, é uma coisa que dá pra você ter o controle. Mas no início da carreira, quando comecei, logo no primeiro, segundo ano, foi bem complicado porque eu queria impor aquilo que eu pensava, e não é bem assim. Você tem que saber ouvir, fazer algumas coisas que se possa fazer, dentro do seu controle eu acho que você tem que deixar algumas coisas acontecerem para você não chatear nem todos, nem deixar só alguns felizes. Na medida do possível a gente tenta conversar sim. Porque são pais de garotos de 11 anos. Você não pode conversar diretamente com o garoto.

9) Como você vê a relação dos alunos com os pais nesse ambiente de prática do futsal? E a relação dos pais com os alunos nesse mesmo ambiente?

R: É como eu falei lá antes lá né. A competição conforme até os 11 anos. Têm alguns garotos que nem olham para o pai durante o jogo. No treino também. Mas a gente percebe que tem alguns que qualquer coisinha que eles fazem, já procuram o pai na arquibancada. Eu percebo que têm alguns que o pai nem vai assistir. Não sei se é por tempo ou por não acompanhar tanto o filho. Mas tem alguns que não gostam que o pai vá para assistir os jogos. Eu tento trabalhar isso aí também. Eu tento falar para eles que é torcida. A partir da hora em que entrou ali na torcida, o pai vira um torcedor. Eles têm que encarar. Eles trabalharam a semana inteira para fazer aquilo lá. A gente usa a palavra “trabalhar” né. “Trabalharam” a semana inteira pra chegar no final de semana e mostrar o seu melhor. Eu tento tranquilizar bem essa questão aí. Apesar de que a influência do pai é muito forte. Porque eu fico apenas 3 horas da semana com o garoto, e o restante das horas é com o pai. Então, o garoto acaba ouvindo mais o pai do que eu. E aí entra a questão de você conquistar a confiança do garoto. Acho que a partir da hora que você conquista a confiança, eles começam a perceber que eles têm que ouvir um pouquinho eu, mas eles também não podem deixar de ouvir os pais. Então aí acho que há o equilíbrio. Eu acho que não pode também só me ouvir, ou também só ouvir o pai. Acho que tendo esse equilíbrio, acho que dá para trabalhar em harmonia, tudo tranquilo.

10) Para você, qual é a expectativa do (s) dirigente (s) do clube em relação ao seu trabalho com as crianças da categoria? E quais são as atitudes do dirigente nos treinos e jogos?

R: Bom, todo dirigente, a expectativa dele é a vitória, sempre, e resultado. Pode ser um dirigente que já é da nossa área, que sabe como é complicado. Mas a partir da hora em que ele vira dirigente parece que ele esquece tudo e vira mais um dirigente,

dos milhares de dirigentes que nós temos aqui. Eles querem resultado, não importa como. Um diálogo, um discurso é diferente perante os pais, mas a gente sabe que na hora em que a gente fecha na salinha e tem a reunião da comissão técnica, sempre rola aquela cobrança. Vem criticar algumas coisas do seu treino. Falam alguma coisa do seu treino. Mas eu como profissional, eu acho que eu tenho convicção daquilo que eu estou fazendo e eu estou mostrando, e pode ter resultados conforme minhas idéias, a minha metodologia. Não especializando a criança. Como muitos fazem por aí. Eu tento fazer algumas coisinhas um pouquinho diferentes. Às vezes, essas coisinhas diferentes chamam um pouquinho a atenção. Todas as coisas que você tenta mudar levam um pouquinho de tempo. Às vezes, atrapalha, incomoda algumas pessoas. Mas com convicção acho que dá para ir pra frente. Você vai conseguir. Dirigente é como eu disse lá, passou a ser dirigente esquece tudo. Ele quer resultado, porque provavelmente o dirigente é pressionado pelo diretor, o diretor é pressionado pelo presidente do clube, e assim vai indo. Então, todo mundo vai apertando quem está abaixo dele até chegar na gente.

11) Na sua opinião, qual seria o papel da iniciação esportiva na infância nesse ambiente de competições federadas?

R: Bom, competições federadas é complicado, essas competições federadas ai né. Eu acho que não tem...., o papel delas é seguramente a revelação de jovens talentos. Elas não estão muito preocupadas em como que a criança vive, como a criança foi familiar, elas não se preocupam muito com isso ai não. A mesma forma da premiação dos adultos é a forma de premiação das crianças. A gente vê aí, a gente acompanha meninos do sub-11, do sub-9 receberem tênis de ouro, bola de prata, destaques individuais. A mesma coisa que se faz com os adultos. Então, eles não estão muito preocupados em diferenciar, em cuidar dessa criança. Eles querem revelação de atletas, porque eles acham que quanto mais cedo, quanto mais "experiência" essa criança tem, quando ela chegar no juvenil ou no adulto, ela vai ter uma carga, uma experiência técnica e tática diferenciada da criança que começou mais tarde. E pelo o que eu estou observando é ao contrário, muitas crianças que são tênis de ouro, destaques no fraldinha, no sub-9, no sub-11, elas não são destaques no sub-15, no sub-17, e muito menos no juvenil, que é o sub-20. eu acho que vai demorar ainda um tempo para eles perceberem isso daí. As pessoas, os dirigentes, as pessoas que estão no meio competitivo infantil da iniciação esportiva da infância. A federação não está nem um pouco preocupada com a especialização precoce. Por enquanto. Espero que isso tente mudar.

Entrevista Técnico/professor B

1) Sexo: masculino

2) Qual a sua idade?

R: 44 anos.

3) Há quanto tempo trabalha no clube como técnico dessa categoria?

R: No clube eu estou lá há mais de 20 anos, mas nesse ramo já estou há mais de 36 anos.

4) Graduou-se em algum curso de 3° grau (por exemplo: Educação física, Esportes, etc...)? Qual?

R: Eu fui até o 2° grau só. O que eu fiz foi todas as exigências do CREF. Fiz todos os cursos do CREF para poder ter a carteirinha oficial.

5) Quais são os objetivos do esporte na infância?

R: Bom, o principal objetivo na infância é tentar tirar o garoto da rua, trazer, dar um lazer para eles e tentar no futuro que alguns conseguem e alguns não conseguem.

6) No ambiente de prática sistemática do futsal, ou seja, treinos semanais e jogos aos finais de semana, quais são os seus objetivos próprios e os objetivos em relação aos alunos?

R: Os treinos semanais são mais para a molecada pegar plano tático que a gente quer fazer e condicionamento físico da molecada. Para que no fim de semana os alunos entrem em quadra com o objetivo próprio de cada jogo. Que a competição de federação é muito forte e enfrenta adversários muito difíceis.

7) Como você vê a competição esportiva na infância até os onze anos?

R: Olha, era para ser um pouquinho mais tranqüila. Mas como, em nível de federação não há como acontecer isso. A competição é acirrada. Muitos desses garotos vêm de casa, ou são exigidos demais. Mas acho que teria que ter um pouquinho mais calma nessas categorias. Mas por ser competição oficial, a carga é muito dura para eles.

8) Como é a sua relação com os pais dos alunos?

R: Olha, sinceramente, de uns anos para cá houve mudança na regra. Na troca de 5 jogadores em cada tempo ficou bastante pior. Há muitos "pais-treinadores" fora que se diz conhecer mais do que a gente. Então, o ambiente não é muito bom não. É difícil trabalhar com os pais dos garotos.

9) Como você vê a relação dos alunos com os pais nesse ambiente de prática do futsal? E a relação dos pais com os alunos nesse mesmo ambiente?

R: Olha, a gente que trabalha nessa categoria, tem muito pai que atrapalha o próprio filho. A gente está na quadra, dá um planejamento tático e chega no dia de jogo o pai atrapalha a gente praticamente. Fazendo o filho jogar completamente diferente. Não é muito bom. Principalmente o pai que foi bom jogador quer que o filho seja igual e hoje em dia não é.

10) Para você, qual é a expectativa do (s) dirigente (s) do clube em relação ao seu trabalho com as crianças da categoria? E quais são as atitudes do dirigente nos treinos e jogos?

R: Olha, no clube onde eu trabalho, a expectativa do dirigente é mais de fazer o clube em atividade e estar sempre na mídia. Não tem aquela cobrança de título, de conquista, de vitórias. A única coisa é sempre estar disputando campeonatos para ter atividade dentro do clube. E a atitude dos dirigentes são das melhores possíveis, sem cobrança, sem exigir vitórias, nada. Mas a conquista é sempre bom para o clube e para a imagem do próprio dirigente.

11) Na sua opinião, qual seria o papel da iniciação esportiva na infância nesse ambiente de competições federadas?

R: Olha, eu tinha uma opinião antigamente que quanto mais o jogador atuasse, era melhor. Mas hoje, eu que trabalho principalmente com as duas pequenininhas, que é o chupeta e o mamadeira, eu acharia que até a categoria pré-mirim, pelo menos, tinha que ter algum tipo de mudança, para não se exigir tanto dos garotos. E também tirar um pouco os pai fora disso. Tentar explicar para os pais que eles estão lá para se divertir, as crianças. Não para vim e carregar uma carga em cima deles como muitos carregam. Então, na minha opinião, a gente teria que mudar um pouquinho nessas quatro categorias pequenininhas, desde os 6 anos até os hoje considerado sub-11, uma, mais diversão do que um campeonato mesmo para valer.

1) Sexo: masculino

2) Qual a sua idade?

R: 19 anos.

3) Há quanto tempo trabalha no clube como técnico dessa categoria?

R: Há 2 meses.

4) Graduiu-se em algum curso de 3º grau (por exemplo: Educação física, Esportes, etc...)? Qual?

R: Cursando educação física, 1º ano ESEF Jundiáí.

5) Quais são os objetivos do esporte na infância?

R: O objetivo que a gente visa aqui, sim é a educação do atleta, mas visando sim também alguns objetivos como títulos e procurar sempre estar educando a criança para o homem de amanhã.

6) No ambiente de prática sistemática do futsal, ou seja, treinos semanais e jogos aos finais de semana, quais são os seus objetivos próprios e os objetivos em relação aos alunos?

R: É sempre estar passando a didática do futsal para as crianças estarem jogando aos finais de semana os campeonatos. Assim, visando sim também, alguns resultados. Que é o campeonato, que são os objetivos das crianças também, que eles não querem perder e sim ter uma boa participação dentro da competição.

7) Como você vê a competição esportiva na infância até os onze anos?

R: Ela vai muito como um prazer das crianças em sempre estar jogando, estar buscando sempre os amigos novos, como as novas amizades. E tem aquelas crianças também que nunca nem jogam, mas sim gostam de estar indo viajar, mas sim para estar participando. Essas crianças não visam estar sempre jogando, mas sim como amizade, entendeu!?

8) Como é a sua relação com os pais dos alunos?

R: É uma relação bem aberta. Onde a gente aqui procura estar sempre passando as [coisas] que acontecem dentro de quadra para os pais. E sim, os pais procuram a gente para ver o que está passando dentro de casa, o que está acontecendo dentro de casa também para a gente ver se a gente pode estar dando sempre uma conversada, uma melhorada com os atletas. Se a gente pode estar dando uma cobrada para eles, que às vezes a relação que nós temos aqui com os atletas, também é muito aberta. Os atletas vêm procurar a gente para conversar problemas de dentro de casa e sim vice-versa.

9) Como você vê a relação dos alunos com os pais nesse ambiente de prática do futsal? E a relação dos pais com os alunos nesse mesmo ambiente?

R: É uma relação de muito diálogo. Sempre os pais estão procurando vir acompanhar os filhos e sempre que possa, que a gente possa estar vendo os pais estarem conversando com os atletas, estarem conversando com os alunos para ver se eles melhoram. As coisas que eles podem melhorar. E os pais vindo procurar a gente, perguntando se eles estão bem, se eles estão fazendo tudo corretamente. Então, é uma coisa muito assim, assim, de amizade, entre pai e filho e filho e pai.

10) Para você, qual é a expectativa do (s) dirigente (s) do clube em relação ao seu trabalho com as crianças da categoria? E quais são as atitudes do dirigente nos treinos e jogos?

R: Assim, a atitude aqui do dirigente, ele procura sempre estar acompanhando de perto o que acontece dentro de quadra e fora de quadra. Para não estar desatualizado. Sempre está procurando saber o que acontece, para nunca estar fazendo coisas erradas. Então sempre está muito de perto. Tudo o que você faz aqui, eles olham com "olhos de bem feito". Então você procura fazer com muito amor e carinho, para mais para frente estar dando resultados melhores para as crianças.

11) Na sua opinião, qual seria o papel da iniciação esportiva na infância nesse ambiente de competições federadas?

R: É tudo né. É que hoje o futsal, principalmente da criança visa muito a educação. Sempre estar procurando as molecadas (sic) para o caminho certo. Procurando sim, a desenvoltura da educação da criança. Procurando que a criança cresça uma pessoa muito educada para amanhã, se não for um atleta, sim um homem para trabalhar ou para estudar mais para frente.

Entrevista Técnico/professor D

1) Sexo: masculino

2) Qual a sua idade?

R: 41 anos.

3) Há quanto tempo trabalha no clube como técnico dessa categoria?

R: Na equipe federada há 6 anos.

4) Graduou-se em algum curso de 3º grau (por exemplo: Educação física, Esportes, etc...)? Qual?

R: Só fiz curso técnico e, graduação ou pós-graduação eu não fiz nenhuma. Só o curso técnico mesmo, de futsal e curso de treinadores da própria federação.

5) Quais são os objetivos do esporte na infância?

R: O objetivo nosso, aqui do nosso trabalho é tentar educar através do esporte. Movimento, locomoção, mas através do esporte, colocando a modalidade que é o futsal.

6) No ambiente de prática sistemática do futsal, ou seja, treinos semanais e jogos aos finais de semana, quais são os seus objetivos próprios e os objetivos em relação aos alunos?

R: O objetivo nosso é trabalhar com a molecada, sem o ganhar. Fazer a participação, que a região é muito competitiva. Os objetivos em relação aos alunos é tentar dentro da modalidade do futsal, trabalhar a molecada como um todo, cidadão, trabalhar educação, convívio, convívio escolar, a gente se preocupa muito com o desempenho deles na escola, sempre estar conversando com os pais. E aqui na pergunta "... treinos semanais e jogos aos finais de semana, quais são os objetivos próprios?", os meus objetivos é tentar colocar o garoto dentro da sociedade, tirar da rua. E através do futebol de salão a gente procura fazer isso daí. E os objetivos em relação aos alunos é formar o cidadão mesmo. Aqui a gente não é, a gente não está formando jogador de futebol. A gente está formando o jogador como um cidadão.

7) Como você vê a competição esportiva na infância até os onze anos?

R: Eu acho precoce. Você vai falar porque que a gente trabalha. Como na região, todo mundo tem a equipe sub-11, sub-9, e se a gente não montar, a gente começa a perder. É uma competição que existe uma pressão muito grande extra-quadra. E a gente procura no meio da semana pedir para que não se preocupem com o resultado,

com pai lá, e mesmo assim a gente não consegue, assim, evitar alguns incidentes. Mas assim, a competição esportiva até os 11 anos, eu acho que ela é precoce. A gente trabalha porque na região tem que ter essas categorias, senão a gente não consegue participar com as outras.

8) Como é a sua relação com os pais dos alunos?

R: A relação..., eu tenho uma relação boa com os pais dos alunos. A grande maioria sempre..., assim, não tive muitos problemas. Algumas vezes um pai ou outro questiona algumas situações e a gente procura estar conversando. Não após os jogos, mas sim no meio da semana. Todo mundo está mais tranqüilo para estar falando. Mas no geral a relação é muito boa. Muito boa, professor e pai de aluno. Muito boa.

9) Como você vê a relação dos alunos com os pais nesse ambiente de prática do futsal? E a relação dos pais com os alunos nesse mesmo ambiente?

R: No início do nosso trabalho aqui de federação a gente teve..., o pessoal não estava muito acostumado de como era a competição e tal. Nós tivemos mais problemas. Hoje a gente consegue falar para os pais que a competição existe, mas não é o ganhar a todo custo. Que vai perder, que vai ganhar, que a gente não está aqui para ser campeão. Se chegar, ótimo. Mas o objetivo é estar participando, estar interagindo, estar colocando a molecada em atividade. Mas já houve mais cobrança aqui. Hoje já é menor. Bem menor. E sempre quando está chegando gente nova, principalmente o sub-9, faz reunião, fala como que é para que os pais não atrapalhem as crianças. Querendo ajudar, eles sempre acabam atrapalhando. Já foi pior, hoje já não tem tanto problema não.

10) Para você, qual é a expectativa do (s) dirigente (s) do clube em relação ao seu trabalho com as crianças da categoria? E quais são as atitudes do dirigente nos treinos e jogos?

R: Bom, nosso trabalho aqui, ele é de prefeitura. Não é um clube como na região tem o [nome de um clube], o [nome de outro clube]. É um trabalho social da prefeitura. Nós temos aí uma associação de pais que nos ajudam e botam a mão na massa e organiza evento. Para gerar também uma verba para estar trabalhando com essa molecada. Então aqui é..., a expectativa do dirigente..., o dirigente na verdade são os pais e nós como professores somos os que passamos, assim, as orientações. Não tem problema, não tem cobrança. O dirigente aqui não é dirigente. Ele é um colaborador. Entendeu, o chamado dirigente. Então, cobrança não tem. As expectativas são as mesmas, o trabalho é um foco só. Trabalhar a molecada, formar o cidadão, vamos dizer assim né. Dentro do esporte. O objetivo é um só de todos.

11) Na sua opinião, qual seria o papel da iniciação esportiva na infância nesse ambiente de competições federadas?

R: O papel da iniciação esportiva..., olha, nós procuramos trabalhar aqui a menos pressão possível. Menos competitividade. Porque já existe a competitividade natural. A partir do momento que você federou, que vai viajar, que as equipes vêm jogar aqui, já é uma competição. Então, a gente procura tirar um pouco nos treinos. Falar que vai jogar contra, mas sem pressão. Existe a pressão natural que todo mundo quer vencer. Quem vem quer vencer. Pais que estão aqui querem vencer. Mas que se perder, que também vão lá, cumprimenta, cabeça erguida. O ambiente, a gente procura tirar o máximo a pressão da molecada. É o que eu falei, no começo foi mais difícil. Hoje a gente consegue exercer uma função de ajuda à molecada. Que não sinta tanto a competição, a vitória, a derrota. E falando em iniciação esportiva, a gente procura trabalhar o máximo dentro do futsal a não especificação. Não especificar, aquela coisa, a gente trabalha muita recreação, dentro das condições, porque os treinos são curtos. A gente não tem muito tempo para estar trabalhando todo dia com a molecada. Trabalhando movimento. Então, a gente procura tirar o máximo possível a

especificidade. Mas às vezes não dá né. Às vezes é..., você tem que trabalhar o futsal, assim, como o objetivo principal, que é o que ele está exercendo né. Vai ter jogo no final de semana, você tem que trabalhar a equipe. Então, dentro dos treinos você procura trabalhar não só a, vamos dizer assim, o posicionamento básico, a jogada aqui, a jogada ali, a marcação tal. Antes disso, você procura trabalhar fundamento, movimento, pega-pega, recreação, tudo que é relacionado ao movimento a gente procura dar. Dentro do curto espaço que a gente tem de treinamento. E mesmo assim, a gente não consegue tirar todo o foco principal que é o futsal. É difícil. Eu não concordo muito com isso também. Mas é o que a competição exige. Se você não preparar sua equipe você não vai ter. Mais ou menos isso que a gente procura fazer aqui. Precisaria de mais profissionais para estar nos ajudando. Agora é que está melhorando. Nosso trabalho aqui, a molecada é nova, cabeça nova. As coisas novas que estão acontecendo por ai, estamos trazendo para a gente tentar melhorar. Tirar mais o pé da molecada ainda dessa pressão de competição.

Entrevista Técnico/professor E

1) Sexo: masculino

2) Qual a sua idade?

R: 30 anos.

3) Há quanto tempo trabalha no clube como técnico dessa categoria?

R: Há 5 anos.

4) Graduiu-se em algum curso de 3º grau (por exemplo: Educação física, Esportes, etc...)? Qual?

R: Graduei em administração de empresas, fiz cursos para técnico de futebol.

5) Quais são os objetivos do esporte na infância?

R: Introduzir os garotos na prática esportiva, como lazer, saúde, sociabilização entre as crianças. Basicamente são esses os principais objetivos.

6) No ambiente de prática sistemática do futsal, ou seja, treinos semanais e jogos aos finais de semana, quais são os seus objetivos próprios e os objetivos em relação aos alunos?

R: Os objetivos do clube em si, como qualquer clube de futsal, seria conquistar títulos. Porém, se tratando de crianças de 11 anos de idade, o objetivo maior é a formação desses garotos. Incentivando eles para a prática do esporte, sempre fazendo o esporte. Porém, nesse nível em que eles atuam hoje, os garotos de federação, sempre com o objetivo de vitórias, de vencer jogos. Mas ao mesmo tempo, mostrando para eles que todos podem perder jogos, ganhar jogos, campeão sempre vai ser um só. Trabalhando sempre muito o lado psicológico deles para que isso não influa negativamente na infância deles.

7) Como você vê a competição esportiva na infância até os onze anos?

R: A competição, ela tem que ser levada, tem que saber-se dosar a cobrança e o incentivo. Para que, como eu falei antes, isso não influa de uma forma negativa na formação desses meninos. É óbvio que eles querem vencer jogos, que eles querem ganhar campeonatos. Porém, isso, apenas um acaba conquistando. Então, eles vão aprender a conquistar, vão aprender a não obter conquistas, vão aprender a dividir com os companheiros. A competição é importante no sentido deles aprenderem a respeitar o técnico, a respeitar as opções do técnico, respeitar os companheiros que estão em melhores condições que eles no momento. Para que quando eles estiverem

numa idade mais avançada, os técnicos não se preocupem mais com esses quesitos, e sim, mais com a parte técnica e tática do time.

8) Como é a sua relação com os pais dos alunos?

R: A relação é a mais positiva possível. Eu costumo dar muita liberdade para os pais conversarem. Afinal de contas, são meninos de 11 anos. Então, tudo o que acontece dentro de quadra, seja em jogos ou em treinos, isso reflete na vida particular desses garotos. Como pode refletir na escola também. Então, esse diálogo com os pais é importante nesse sentido, para nós sabermos aonde que os meninos precisam ser mais motivados, aonde que a gente precisa dar um “puxãozinho” de orelha, o que precisa ser conversado com cada um. Para que o esporte, além de ser positivo como atividade social, como atividade para a saúde desses garotos, também ser algo que os pais possam estar utilizando para motiva-los na prática da escola, do ensino que eles praticam no dia-a-dia.

9) Como você vê a relação dos alunos com os pais nesse ambiente de prática do futsal? E a relação dos pais com os alunos nesse mesmo ambiente?

R: A cobrança evidentemente que existe. Na maioria dos casos, os pais cobram até de forma excessiva. A gente costuma dizer que nesse ambiente de competição de crianças de 11 anos de idade, é preciso uma preparação psicológica muito maior dos pais do que das próprias crianças. Já que eles vêm pensando em ver seus filhos jogarem. E se tratando de uma competição coletiva, a gente tem que escolher apenas 5 garotos para entrar em quadra. E nem sempre os outros vão jogar o mesmo tempo. Então esses pais têm que ter essa preparação psicológica. E todo pai acha que seu filho é o maior craque. E a gente não criar problemas na parte psicológica desses garotos, deles se sentirem com vergonha, ou medo de jogar devido as reações dos pais. Então a gente procura conversar muito com os pais nesse sentido, para que eles tenham noção de que cada um vai ter sua vez e que essa cobrança não seja exagerada. Esse diálogo com os pais é muito importante para que os garotos cresçam, evoluam, sem nenhuma carga muito pesada sobre seus ombros.

10) Para você, qual é a expectativa do (s) dirigente (s) do clube em relação ao seu trabalho com as crianças da categoria? E quais são as atitudes do dirigente nos treinos e jogos?

R: Veja só, eu como técnico da categoria sub-11, sou também o presidente do ShowBall. Então essa pergunta eu posso responder tranquilamente. Eu como dirigente procuro sempre fazer um papel neutro, dando total liberdade para os técnicos exercerem seu papel e suas escolhas. Procurando dar suporte fora da quadra, dialogando com os pais, mostrando os pontos de vista que o professor está utilizando e tentando fazer uma ponte na relação entre pais e técnicos, para que essa relação não se desgaste. Porque nem sempre o pai está preparado para ouvir o que o técnico tem para falar de seu filho. Então a gente procura fazer essa ponte para que não haja desgaste em nenhuma das partes.

11) Na sua opinião, qual seria o papel da iniciação esportiva na infância nesse ambiente de competições federadas?

R: Tem que se ter muito cuidado quando se trata de competições com atletas federados, para que essa cobrança não seja muito grande. A gente nunca pode deixar de esquecer, e isso eu sempre falo com os pais e com os garotos, que eles são apenas crianças de 11 anos de idade. Sendo assim, a gente tem que pensar em vitórias, tem que pensar em conquistar títulos, mas não pode esquecer que a gente está trabalhando com crianças de 11 anos. Então há de se ter muito cuidado para que não seja exagerada essas cobranças. E essas competições elas vão ajudar muito para que eles comecem a conhecer o ambiente de competição no qual eles vão estar inseridos nos próximos anos. Então essa pressão que um garoto de 15 anos poderia

ter numa final de campeonato, os meninos de 11 anos já vão estar acostumados. Que eles passaram por isso nessa idade e quando eles tiverem 15 anos já não vão se sentir tão pressionados. Além do que, a motivação de apenas treinar chega uma hora que acaba. A competição é importante nesse sentido, que eles ponham em prática tudo aquilo que eles aprendem no treino e se sentirem motivados. Só o treinamento não dá motivação para esses garotos continuarem treinar. Então a competição é importante nesse sentido.

Entrevista Técnico/professor F

1) Sexo: masculino

2) Qual a sua idade?

R: 37 anos.

3) Há quanto tempo trabalha no clube como técnico dessa categoria?

R: Nesse clube especificamente há 8 meses. Já trabalhei no [nome de um clube], aqui em Jundiaí mesmo, por 7 anos.

4) Graduou-se em algum curso de 3º grau (por exemplo: Educação física, Esportes, etc...)? Qual?

R: Não.

5) Quais são os objetivos do esporte na infância?

R: Na minha opinião, os objetivos do esporte na infância é mais a interação da criança, a parte social da criança, aprender a interagir com outros coleguinhas. Aprender a dividir as coisas, principalmente nessa categoria. Na iniciação que eu trabalho também, na escolinha desde 5 anos de idade é mais começar um intercâmbio social, dividir as coisas com o coleguinha, entender que às vezes tem que perder para o outro ganhar. Que às vezes ele perdendo um pouquinho, todo mundo vai ganhar no final e assim por diante.

6) No ambiente de prática sistemática do futsal, ou seja, treinos semanais e jogos aos finais de semana, quais são os seus objetivos próprios e os objetivos em relação aos alunos?

R: O treinador, [no ambiente] competitivo, o objetivo primeiro é ganhar. Mas claro que ganhar de uma forma correta. Eu considero uma forma correta é que os meninos ganhem de forma limpa, jogando bem, e que os meninos possa praticar o que treinam durante semana, que possam vivenciar o que a gente treina, essa é a palavra correta. Dominar a bola corretamente, fazer a jogada correta, sem preocupação de acertar todas as jogadas. Mesmo que erre, mesmo que a gente perca o jogo porque o menino errou, mas ele fez a prática correta, ele dominou da forma correta. Tomou o gol, não há problema nenhum. Eu sempre passo isso para eles. É claro que a gente também fica nervoso. O ambiente é tenso. Às vezes também nós ficamos nervosos. Mas a idéia é essa, eu sempre procuro passar isso para eles. Que eles façam no jogo, aquilo que nós treinamos, não se preocupe com o resultado. O resultado vai ser consequência, ganhar ou perder. Às vezes você joga bem e perde, e às vezes você joga mal e ganha. Mas o objetivo é que eles aprendam, que eles estejam evoluindo. E praticando aquilo que eles treinam. Basicamente é isso que eu procuro fazer com eles.

7) Como você vê a competição esportiva na infância até os onze anos?

R: Da forma como é, na federação principalmente, acho que é massacrante, até desumano eu diria, e incorreta. Expõe a criança sem maturidade psicológica, sem uma formação adequada. Às vezes o menino com muito pouco tempo de treino, sem um

convívio social ainda, sem a maturidade para conviver com as pessoas. Há um ambiente de competição..., não seria de alto nível, porque eles não têm esse alto nível, mas onde é exigido esse alto nível. É exigido muitas vezes uma especialização numa jogada, o goleiro é goleiro, o ala é ala, o menino só pode chutar com o pé esquerdo, o que é absolutamente prejudicial à criança. O que vai truncar o desenvolvimento dele no futuro. O menino às vezes poderia tentar uma jogada com o lado direito, com o pé ruim dele, e ele não tenta porque ele quer fazer o certo para tentar ganhar o jogo. O objetivo é ganhar o jogo. Então a forma como é praticado não é o correto ao meu ver. Poderia ter um sistema diferente.

8) Como é a sua relação com os pais dos alunos?

R: Geralmente é uma relação boa. Eu procuro, principalmente, explicar para os pais o que eu tento passar para as crianças. Fazer com que os pais sejam parceiros também do que eu penso, do modo como eu vejo o futebol de salão, do modo como eu vejo o trabalho com as crianças. Eu acho que a criança tem realmente que aprender errando, praticando, a criança vai errar mesmo. O pai tem que estar preparado para aceitar esse erro. Para ser o primeiro a apoiar a criança, e não ser o primeiro a cobrar. Sempre procuro falar com os pais que, de cobrança já basta o treinador louco, berrando na beira da quadra. O pai tem que estar lá para ajudar, tem que estar lá para incentivar. E o menino nessa idade, principalmente até os 11 anos, ele não joga para ele, ele joga para o pai e para a mãe na arquibancada. Agora se o pai e a mãe não souberem entender isso, as vezes o menino erra um lance na quadra, ele olha para procurar o consolo no pai e o pai é o primeiro a fazer a cara de desaprovação. Então isso é terrível. Eu procuro muito passar isso para os pais. Claro que nem sempre a gente é compreendido também. Às vezes você perde um jogo porque você tira um menino para dar chance de outro jogar e o pai critica. Então, às vezes o pai não consegue compreender isso. Que nem sempre ganhar é o ideal. Às vezes você perde para ganhar no futuro. No convívio social, na maturidade da criança. E às vezes o time todo perde, mas o menino vai ganhar lá na frente.

9) Como você vê a relação dos alunos com os pais nesse ambiente de prática do futsal? E a relação dos pais com os alunos nesse mesmo ambiente?

R: Acho que é bem dentro da resposta anterior. Muitas vezes o pai procura, ..., que o filho seja aquilo que ele não pode ser, ou as vezes o que ele foi. Tem pais que jogaram muita bola, foram muito bons de bola. E acha que o filho vai ser também bom. Que é genético, o que não é verdade. Não existe hereditariedade nesse caso. E as vezes o pai foi frustrado, não teve a oportunidade de treinar como eles têm hoje com esse tipo de treinamento, é recente. Então o pai as vezes tem expectativa em relação ao filho. Acha que o filho vai ser Pelé, vai ser Ronaldinho. E muitas vezes compara o menino que treina há um mês com um menino que já treina há um ano, dois anos. E critica a criança. "Fulano consegue e você não consegue". Não consegue porque não é o momento. Porque ele vai ter o tempo certo dele. E acho que o aluno geralmente, ele não tem essa expectativa, o aluno vem para se divertir. Ele é mais tranquilo. E as vezes ele fica tenso porque o pai não aceita isso. O pai quer que ele seja, ele vem e o pai se sente desconfortável se o filho dele não é o melhor do treino. Se o filho não é o craque. Se o filho dele está no banco, ele se magoa, ele fica chateado. Ele não entende que o tempo do filho dele vai chegar, ou não, mas isso depende de cada criança.

10) Para você, qual é a expectativa do (s) dirigente (s) do clube em relação ao seu trabalho com as crianças da categoria? E quais são as atitudes do dirigente nos treinos e jogos?

R: Principalmente aqui no [nome do clube], eu não tenho nenhum problema com dirigentes, porque o dirigente também faz esse trabalho com escolinha há muito

tempo. Então o João⁵ é muito tranquilo em relação a isso. Ele entende essa minha visão também de que a criança as vezes, ..., as vezes você entra num campeonato com time de escolinha e perde de todo mundo, mas no ano seguinte o time vai estar melhor preparado para disputar o campeonato. Ai sim, quem sabe, para competir de verdade. Ele também entende esse processo. As vezes o time perde hoje para ganhar no futuro. Ou perde dois, três campeonatos seguidos, mas o objetivo, as crianças estão se integrando, as crianças estão se divertindo. Que as vezes ganha e não se diverte. É o que eu falo muito isso para as crianças, que o objetivo nosso é se divertir, a gente vem jogar bola para se divertir. Não basta ganhar o jogo, precisa se divertir, se não se divertir não tem graça não. Não adianta mesmo. E ele entende muito isso. E a atitude dele geralmente é de observação, de apoio quando precisa, tem algum problema com o pai, as vezes com a criança mais rebelde. Que são muitos alunos, as vezes 25 alunos. Então, as vezes ele também está ali para dar um apoio, se precisar conversar com a criança. Pelo menos por enquanto, tem sido uma atitude de total cooperação.

11) Na sua opinião, qual seria o papel da iniciação esportiva na infância nesse ambiente de competições federadas?

R: Nós voltamos lá no início de novo né. Na verdade é que, eu acho que da forma como é feito, eu considero prejudicial à criança. Infelizmente, a gente jogando há muito tempo na federação, a gente vê muitas coisas erradas, muito treinador estressado, transferindo para a criança uma frustração pelo time não ganhar. As vezes, a pessoa mesmo, o treinador mesmo não consegue compreender que a criança não está pronta para ganhar, que ele vai ganhar no futuro, que o time dele, as vezes não é o melhor. Que ele vai perder mesmo, porque o time dele não é o melhor. E transfere isso para a criança. Mas eu acho que o papel nessa idade deveria ser papel mais de brincadeira, da criança aprender a se divertir. Apesar de a criança ser muito competitiva nessa idade. A criança mesmo é competitiva. Ela quer se testar. Ela quer conhecer limites. Então a competição é saudável nesse sentido. Mas não da forma como é feita. Você acaba endeusando dois e renegando, no mínimo, três ou quatro. E não é o correto, o ideal seria que todos pudessem se testar. Existe algumas formas, alguns projetos de competições para criança nessa idade. Mas, infelizmente, ainda em nível de federação não é colocado. O que nós temos é esse modelo. A gente procura trabalhar o melhor possível dentro desse modelo que tem aí.

Entrevista Técnico/professor G

1) Sexo: masculino

2) Qual a sua idade?

R: 33 anos.

3) Há quanto tempo trabalha no clube como técnico dessa categoria?

R: Na prefeitura em Campo Limpo Paulista já fazem (sic) 12 anos de trabalho.

4) Graduou-se em algum curso de 3° grau (por exemplo: Educação física, Esportes, etc...)? Qual?

R: Sim, educação física, já faz três anos que eu estou formado.

5) Quais os objetivos do esporte na infância?

R: Olha a gente precisa ficar um pouquinho alerta quando a gente fala em relação ao esporte na infância. Claro que é super importante uma atividade física para a criança.

⁵ Nome fictício

E acho que o principal objetivo é a formação, você criar, de repente, um hábito maior para essas crianças em relação a qualquer esporte. Acho que a gente não poderia estar especificando dentro da idade menor aí. E quanto mais a gente criar de repente um acervo em relação ao esporte, ficaria mais fácil para elas, de repente, no futuro ela mesmo decidir o que ela quer estar trabalhando, como esporte de competição.

- 6) No ambiente de prática sistemática do futsal, ou seja, treinos semanais e jogos aos finais de semana, quais são os seus objetivos próprios e os objetivos em relação aos alunos?

R: A gente está trabalhando com essa faixa de idade aí de 6, 7, 8, 9, 10, anos de idade já tem algum tempo. Bom, primeiro como eu falei, a preocupação em primeiro lugar, seria a formação desses garotos. O que a gente poderia estar, de repente, tentando tirar um pouquinho essa pressão de competição, é tentar, se você está trabalhando com jogos amistosos, alguns festivais, para você, de repente, habituar essa criança a uma situação de competição futura. Então acho que o primeiro objetivo mesmo, o carro chefe aí, seria exatamente esse, a formação do garoto. Você está trabalhando, de repente, não pulando etapas do desenvolvimento da criança. Na idade de 5, 6 anos se ela tem que simplesmente aprender a correr, ela tem que aprender a correr lá e acabou. Você não tem tanta preocupação com o resultado em si. O resultado seu, de repente, poderia estar sendo assim um pouco diferente do que quando a gente trabalha visando somente o resultado de competição. Então acho que a gente precisa ter uma preocupação maior em relação mesmo a formação dessa criança, para que aí sim, como eu falei, no futuro, ela mesma se colocar e devagarzinho ela mesma ter um caminho para ela seguir. "Ah, quero fazer futebol de salão, quero fazer um basquete, quero fazer um voleibol...". Mas ela mesma sabe aquilo que ela venha se destacar. Então primeiro a gente tem que estar se preocupando com a formação do garoto, para depois a gente moldar dentro de algum esporte, ou futebol de salão como a gente está trabalhando aqui.

- 7) Como você vê a competição esportiva na infância até os onze anos?

R: Como a gente está falando né. A gente já vê algumas competições aí, inclusive em relação à federação paulista que a pressão na faixa da idade de 7, 8, 9 e 10 anos, categoria fraldinha e pré-mirim, que digamos que não seja muito saudável. Porquê? Categoria fraldinha, a gente sabe que de repente vira uma arena dentro de quadra. Onde a gente vê pressão de treinador, pressão às vezes de arbitragem, a pressão mesmo dessa competição que existe entre os próprios garotos, a pressão também dos pais fora da quadra. Então acho que a gente poderia também estar tentando rever alguns conceitos, principalmente em relação aos campeonatos que a federação paulista hoje realiza dentro dessa faixa etária de idade. E tentar mudar um pouquinho, tirar essa pressão. A gente também acabou de ver muitas vezes garotos que, de repente tinham até um certo talento dentro dessa idade e, de repente não querer mais jogar futebol de salão. Está saturado, não agüenta mais ver a mesma coisa sempre, as competições sempre as mesmas coisas. Então acho que a gente poderia estar mudando um pouquinho mais essa fase de competição para essa idade. Que tem que ter competição, tem o lado de importância, sem dúvida alguma, mas a gente poderia estar mudando um pouquinho. Como eu falei, trabalhar com festivais, trabalhar com campeonatos mais curtos. Hoje nós temos situações de garotos de 7, 8 anos que viajam aí 5, 6 horas para jogar no mesmo dia. Então a gente não sabe como que o corpo reage, como essa criança entende esse tipo de coisa. De repente para eles é tudo novidade. E aí eu entendo muito bem onde entra o papel do treinador, o cara que realmente quer formar o garoto, o cara que de repente consegue estar trabalhando, tirando um pouco essa pressão. Então isso seria o mais importante agora. Você trabalhar com esse garoto aí, sem querer resultado imediato. Claro que a gente sabe que é muito difícil. Inclusive quando você trabalha num clube que exige resultado. Mas

hoje a gente consegue trabalhar assim, unindo as duas coisas, com a competição aliada a recreação. Com a formação do garoto mesmo.

8) Como é a sua relação com os pais dos alunos?

R: Pais né. De vez em quando algumas situações meio complicadas. Principalmente em relação aos pais dessa idade ai menor, de achar que o filho tem que jogar. Então você acaba pulando algumas coisinhas, às vezes criando atrito com alguns pais. Mas como eu já estou em Campo Limpo Paulista já faz algum tempo, os pais acabam te conhecendo, e sabendo principalmente como é o seu trabalho. Então o convívio é aberto, sempre a gente está tentando passar o que você está fazendo para os pais, conversando, abrindo às vezes para uma discussão, para chegar até você e conversar, para ver o que está acontecendo. Mas a gente nunca escapa de algumas confusões, alguns atritos. Mas é coisa até natural do próprio pai que fica na arquibancada, de repente o filho não está jogando, e ele quer que jogue. E às vezes acontece até uma certa competição entre eles mesmos, dos pais ai. "O meu filho joga, o seu não joga...". Mas acho que se existe assim uma consciência do trabalho que você está fazendo as coisas se tornam um pouquinho mais fáceis.

9) Como você vê a relação dos alunos com os pais nesse ambiente de prática do futsal? E a relação dos pais com os alunos nesse mesmo ambiente?

R: Então, como a gente está falando. Existem os pais ai que a gente sabe que trazem alguns problemas, como também ocorre o contrário. Digamos que existem os pais mais conscientes daquilo que quer para o filho, e de repente também a gente encontra pais que realmente querem saber do resultado. A gente acaba vendo algumas situações após jogo de o pai dar bronca, só sabe ficar gritando, ficar brigando com o garoto. Que no meu ponto de vista não leva a lugar nenhum. E isso acaba dependendo muito do que você está fazendo dentro de quadra com esses garotos, porque é assim, se a gente consegue ter um grupo na mão, mesmo dentro da idade pequena deles, mas que você consegue fazer com que o garoto entenda aquilo que você está querendo, eu acho que você consegue tirar um pouquinho a pressão dos pais. Porque a gente cansou de ver algumas situações que de repente o pai tira o garoto porque não está jogando, porque o filho não está rendendo aquilo que ele espera. Ai cai naquele velho probleminha lá que a gente sempre ouve, os pais de repente querem fazer do garoto aquilo que ele não foi. Então coloca toda a pressão em cima do garoto. "Você tem jogar porque você precisa fazer gol, você precisa marcar...". E a gente sabe que não é bem por ai. Esses mini craques que a gente sempre ouve falar por ai, isso acontece sem dúvida alguma. Mas também a gente tem alguns conceitos que a gente poderia estar revendo e tentar mudar. Porque de repente o que acontece é devido à própria competição. A própria competição acaba despertando esse lado no pai ou na própria criança. Então se a gente conseguir mudar um pouquinho a maneira que você está trabalhando, o nível da competição também acaba influenciando muito, a gente sabe que a federação é o auge do futebol de salão, não tem mais aonde ir. Mas se a gente conseguir trabalhar, ou moldar esse garoto dentro de festivais, campeonatos internos, jogos amistosos, de campeonatos assim, de nível técnico menor, eu acredito muito que o resultado do seu trabalho futuramente vai ser bem melhor do que você expor um garoto diretamente numa competição de federação. Eu já estou sentindo isso com o meu fraldinha, a equipe fraldinha sub-9. Eu tenho 16 garotos inscritos, 8 primeiro ano e oito segundo ano, e a gente sabe muito bem das dificuldades que a gente está encontrando, principalmente porque não teve uma preparação adequada antes. Que vieram de escolinhas e, então para você ter uma idéia dessa categoria, nós fizemos no primeiro semestre ai uns 10 jogos, nós ganhamos 2 jogos, se eu não me engano, 2 jogos, empatamos 2 e o restante só perdeu. Mas isso também devido a (...), não houve tempo de preparação para essa equipe, e assim, saíram da escolinha direto para a federação, complicou-se. Então você também tem alguns meios para você diminuir um pouquinho a carga de pressão,

e você acaba habituando o garoto. Você coloca o garoto em algumas situações de competição mesmo, mas de um nível mais fraquinho, para que ele se habitue com um lado de competição.

10) Para você, qual é a expectativa do (s) dirigente (s) do clube em relação ao seu trabalho com as crianças da categoria? E quais são as atitudes do dirigente nos treinos e jogos?

R: Primeiro que [nome do clube] lá, o meu coordenador de esportes não acompanha. É um trabalho de prefeitura, tem um coordenador tal, e ele não acompanha. Por isso que eu falo para você que de repente se você está trabalhando num lugar que exige só resultado, você está frito. Mas é uma situação assim que de repente eu tenho carta branca para estar trabalhando da maneira que eu gosto mesmo, e o tempo me mostra isso, de convívio, de prática, de trabalho. Pelo o que a gente já conquistou. Mas é um dirigente que de repente vê só o resultado lá na frente e acabou. Não existe pressão, não existe cobrança nenhuma. Mas a gente sabe que de repente não é assim que a pessoa aceita as coisas. E assim enquanto você está fazendo um trabalho legal, tudo bem, beleza, mas de repente você começou a tropeçar, pode ser que mude alguma coisa. Mas hoje em Campo Limpo Paulista, a situação de dirigente com professor, não só eu, mas com os demais professores que trabalham lá também é super tranquilo.

11) Na sua opinião, qual seria o papel da iniciação esportiva na infância nesse ambiente de competições federadas?

R: Então acho que juntando tudo o que a gente falou ai, acho que a gente, ou melhor, até alguém da própria federação, que a federação hoje de repente, ela quer o quê? Ela quer muito mais parte financeira do que formação do garoto. E a gente sempre participa das reuniões da federação e ai sempre fala a mesma coisa. "É mais a gente não pode esquecer que são crianças. Que são crianças de 9, 10 anos de idade". Mas quando entra dentro da quadra, isso é esquecido completamente. Como a gente citou no início ai, que vira uma arena mesmo. Minha equipe tem que ser mais forte que a sua e eu tenho que ganhar de você a qualquer custo. Principalmente nos jogos decisivos, nos jogos que você precisa estar ganhando, exemplo uma final de campeonato. Então você acaba pulando, você acaba esquecendo de formação do garoto, então você acaba extrapolando muito. E as conseqüências disso vêm futuramente. Quando a gente fala que cansou de ver garotos com certo talento ai não querer mais jogar futebol de salão, devido a esses detalhezinhos ai que acabam dificultando um pouquinho a formação para esse garoto no futuro. A gente já teve algumas situações assim bem na parte do que acontece, com essa importância ai na infância. A gente teve oportunidade de participar de alguns cursos, algumas palestras e algumas coisas acabam chamando a atenção. Não vou me lembrar de quem foi o palestrante numa época ai atrás. E ele quando chegou no [nome de um clube], que tinha o trabalho de futebol de salão na época, fraldinha até infanto-juvenil que é a base, e ele sentou com os dirigentes e acabou com categoria fraldinha e pré-mirim em competição. A criança só ia para a competição quando atingisse a categoria mirim, que é 12, 13 anos ai, que é a primeira categoria do futebol de salão. Então encontrou assim, algumas resistências da diretoria, dos pais, mas conseguiu colocar isso em prática. E quem ganhou com isso foi o próprio [nome de um clube] na época. E eu também sou dessa opinião, que é assim, para a competição baseada em estudo, naquilo que você aprende muito quando você está se formando na faculdade e tal, você sabe muito bem diferenciar o certo e o errado do seu trabalho. E hoje mostra que a criança está assim um pouco mais preparada para você trabalhar em competição a partir dessa faixa etária de idade, com 11, 12, 13 anos de idade. Então, para baixo, se a gente conseguisse implantar algumas outras maneiras de competição, mesmo se trabalhando com competição, mas tirando a pressão, tirando ai esses conceitos que de repente a gente sabe que não faz bem para a criança, para o seu futuro, acho que seria interessante. Então a gente se esquece, a gente trabalha com o ser humano,

com a criança, com o jogador de futebol por exemplo e a gente sabe que usa os pés, as pernas para estar trabalhando, como ferramenta de trabalho, e a gente cansou de ver profissionais aí, dentro do futebol de salão ou do próprio futebol que trabalha a perna dominante. Sempre você está trabalhando uma perna só. Então isso, se você consegue trabalhar na formação, por isso que eu falo, sem ter pressa de resultado, você tem uma retaguarda daquilo que você está querendo implantar, as coisas se tornam um pouco mais fáceis. E particularmente assim, tenho alguns conceitos um pouco diferentes do que a federação faz, do que outros treinadores fazem. Pra mim eu não sou dono da verdade, eu sei que a gente erra pra caramba, às vezes cobra algumas coisas que não deveria. Mas a gente tenta ser um pouco mais consciente daquilo que está fazendo, porque assim, o que eu quero na verdade é um garoto que vai jogar futebol de salão a vida toda. E além disso, que ele seja um ser humano bom, que tenha personalidade, que tenha formação, que não vai vingar no futebol de salão, não vai vingar no futebol, que é a grande ilusão, grande sonho de todo garoto, é exatamente isso. Mas que ele tenha condições de ser um bom ser humano, que ele tenha grandes condições de ser uma pessoa do caminho do bem. Que ele tenha uma profissão, sem dúvida alguma. Então é isso que a gente gostaria que acontecesse, independente se vai ser jogador de futebol ou não. Então a gente esquece muitas vezes o papel do educador, não é nem treinador, esquece isso, pela competição. Pelo resultado que você tem que ter, mas o resultado a gente poderia estar mudando, na evolução do garoto, se ele está aprendendo a fazer o domínio correto, se faz o cabeceio, se usa todas as partes do corpo, se consegue correr, se é coordenado. Então a gente passa por cima de etapas de desenvolvimento como a gente falou no início, visando só o resultado da competição. Chega em algum lugar? Até concordo que chega. Mas a gente poderia estar melhorando esse garoto, sem dúvida alguma. E o Brasil é rico, é rico. Também penso assim, se o brasileiro fosse mais organizado, preocupado realmente em formar atleta, ou o bom atleta, as coisas andariam muito melhores hoje. Muito melhores. Se nós somos aí um país pentacampeão no futebol, nós estaríamos aí anos e anos a frente, nós poderíamos continuar isso se nós fossemos mais organizados. Porque de repente o bom profissional, o bom educador, o bom professor não é aquele que trabalha com o profissional de repente. Com o cara que está pronto lá. Mas sim o bom que está trabalhando com o garoto na base, que está formando. Então isso que teria que ser revisto, mas é um processo que talvez nunca ocorra. Mas creio que seria o mais correto. Se você tem assim, profissionais bons na base, que você possa estar dando o que realmente o garoto precisa, com 13, com 12, com 10 anos, para que no futuro você tenha atletas formados, melhores. E que o seu resultado de competição futuramente seja mais fértil. Quem ganha com isso é o esporte brasileiro.